

MAIS DE 50.000 EXEMPLARES VENDIDOS

DE TODO
CORACÃO

VIVENDO A PLENITUDE DO AMOR AO SENHOR

Luciano Subiró

Luciano Subirai

DE TODO
CORACÃO

VIVENDO A PLENITUDE DO AMOR AO SENHOR

3ª EDIÇÃO

orvalho.com

Curitiba, Paraná
2016

DE TODO O CORAÇÃO

Vivendo a Plenitude do Amor ao Senhor © 2009 por Luciano Subirá

3ª edição – 2015

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Coordenação: Luciano Subirá **Revisão:** Marcos Taveira e Mirtes Diotalevi **Capa:** Quartel Design **Ilustrações:** Marcia d’Haese **Diagramação:** Waldemar Suguihara Todos os textos citados, salvo menção em contrário, são da Versão Revisada de Almeida (Juerp – Imprensa Bíblica Brasileira) Abreviações das outras versões usadas: ARC – Almeida, Revista e Corrigida (SBB) TB – Tradução Brasileira (SBB) NVI – Nova Versão Internacional (SBI) ISBN: 978-85-98824-20-8

Categoria: Vida Cristã **Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Orvalho**

**Rua Maranhão, 1039
Curitiba, PR, Brasil, CEP 80610-000
(41) 3016-6588
www.orvalho.com**

RECOMENDAÇÕES

“Eu recomendo a leitura deste livro principalmente pela riqueza de seu conteúdo oportuno que lhe edificará sem medida, como a mim o fez. O valor que eu e você temos aos olhos de Deus é algo incalculável. E é este sentimento de busca e compreensão que o autor, meu amigo, Pr. Luciano Subirá (que em função de seus achados contínuos e testemunho fiel é um referencial de homem de Deus, pai de família e adorador para mim) procura despertar em nós. Aventure-se pelas páginas deste livro e apaixone-se por Àquele que tricou cada célula sua enquanto você ainda estava no ventre de sua mãe (Sl 139.13)!”

David M. Quinlan Belo Horizonte/MG

“Temos vivido tempos em que constantemente confundimos o ‘amar o Deus da obra’ com o ‘fazer a obra de Deus’. Mas quando nós realmente O amamos, fazemos naturalmente a Sua vontade. Neste livro, Luciano Subirá nos traz uma visão clara

do que significa amar ao Senhor, e creio que esta é uma mensagem desafiadora para a geração do ativismo cristão.”

Nívea Soares
Belo Horizonte/MG

“A uns Deus escolheu para mestres... Com certeza esse ministério foi dado pelo Senhor ao pastor Luciano Subirá. Jamais me esquecerei da mensagem da primeira vez em que o vi pregar! Algo que marcou a minha vida foi a maneira pela qual ele extraiu da Palavra de Deus tesouros tão profundos, e, ao mesmo tempo, liberados de uma forma tão acessível! Este livro contém um excelente material, que poderá encorajá-lo a viver em obediência ao maior mandamento, a essência da vida cristã: o amor a Deus.”

Christie Tristão Belo Horizonte/MG

“Este livro é para minha vida um *manual prático de como amar a Deus*. Eu tenho direcionado o meu ministério e a minha casa de acordo com o amor aqui descrito. Creio que a vida de cada leitor poderá ser tremendamente transformada por este princípio: amar a Deus, o qual, em suas

consequências, engloba todos os demais princípios!”

Cristiano Batiston Pato Branco/PR

“Fui tremendamente abençoada com a leitura deste livro. Creio que precisamos avaliar as nossas vidas e fazer uma introspecção aguda do quanto realmente estamos amando a Cristo. Espero que, da mesma forma que o Espírito Santo me tocou enquanto eu lia estas páginas, Ele possa tocar e revelar ao seu coração esta mensagem tão importante!”

**Heloísa Rosa
Curitiba/PR**

“Diariamente convivemos com o conceito de um amor fugaz, barato e banalizado. Conceito que sutilmente vem impregnando o Corpo de Cristo e, a exemplo do que vemos, e por vezes até vivemos, declaramos e cantamos o nosso amor a Deus de maneira automática e sem consciência. O Pr. Luciano Subira, por quem tenho grande carinho e respeito, vem na contra-mão e nos conduz de maneira direta e profunda através das verdades bíblicas, a um pleno entendimento do que significa

amar a Deus! *‘De Todo Coração’* nos leva a uma profunda autoavaliação, nos faz pensar, desafia e nos encoraja a vivermos o maior mandamentos de todos: Amar a Deus!”

Juninho Afram
São Paulo/SP

“Eu louvo a Deus pelo que o Senhor deu à Igreja através deste estudo. Como Deus falou ao meu coração e me edificou ao ler este livro! Fui desafiado a uma avaliação e mudanças no meu dia-a-dia, para amar ao Senhor mais intensamente. Fui conclamado pelo Espírito Santo, enquanto lia este texto, a me aprofundar, de verdade, numa vida de mais amor para com o meu Deus!

Estou certo de que todos os que lerem este material serão edificados pelo Senhor. Não terão apenas uma experiência emocional, mas um confronto com a Palavra, para o aperfeiçoamento da vida em santidade! Glória a Deus por este livro e pela instrumentalidade do Luciano!”

Sóstenes Mendes
Belo Horizonte/MG

“O pastor Luciano Subirá foi sensível à voz de Deus ao abordar este assunto urgente para a Igreja no Brasil. O ativismo e as programações têm tomado um lugar que somente pode pertencer a

Jesus. Toda a nossa vida cristã deve fluir do fato de sermos amantes de Cristo. Sem este amor só produziremos obras mortas. De forma simples e ungida, somos convidados a um retorno ao primeiro amor. Este livro te ajudará a encontrar o caminho de volta.”

Fred Arrais
São Luís/MA

“Esse livro é como um V8 turbinado!!! Irraado!!! Fala de coisas simples porém poderosas, que podem descomplicar nossa maneira de amar. Um autêntico manual de como tocar o coração de Deus através do verdadeiro amor. Federal!!!”

JT (Metal Nobre) Brasília/DF

“Este livro chega na hora certa, porque nos últimos tempos a frase ‘Te amo Jesus’ tem sido banalizada. Temos muitas canções falando deste amor incondicional, mas, na prática, são poucos os que vivem isto! Este livro nos desafia a vivermos um amor realmente bíblico, e, portanto, verdadeiro. Se amarmos o que Deus ama, estaremos amando Jesus. Com este amor direcionado aos pobres, mendigos, prostitutas, e, visitando as viúvas, os órfãos e os presos, estaremos tocando verdadeiramente o coração de Cristo!”

Jorge Russo (Jorjão) Belo Horizonte/MG

“No livro *‘De Todo o Coração’*, o Pastor Subirá nos conduz, através de uma leitura envolvente, ao cerne da vida espiritual, o amor a Deus, acima de

qualquer coisa, sem que você perca de vista a sua família, a saber, a Igreja (incluindo-se os que ainda se tornarão Igreja). Creio que este texto é mais uma ferramenta nas mãos do Espírito Santo, para que uma nova geração de líderes seja equipada e fortalecida no fundamento maior da adoração: o amor e a devoção a Deus!”

Gérson Freire
Belo Horizonte/MG

“O Luciano Subirá conseguiu mais uma vez, com extrema habilidade e precisão, explicar princípios e verdades da Palavra de Deus, deixando-os muito mais próximos da compreensão da Igreja. Fico agradecido (como adorador e músico) que o Senhor o tenha despertado a escrever sobre a essência da verdadeira vida cristã: amar a Jesus Cristo. Sem isso nada do que fazemos tem valor algum. Indico ‘De Todo Coração’ como manual para formação e aperfeiçoamento de ministros e instrumentistas e de todos aqueles que são servos do Senhor.”

Kelner Behar
Tanabi/SP

“Descobri que meu amor por Jesus ainda não é o suficiente, mas que pode crescer dentro de mim até alcançar a sua plenitude. Mergulhe nesta leitura e sinta o seu amor por Ele queimar como fogo em seu coração, até que se torne perfeito. Sente-se aos pés do Amado e escute a sua voz!”

**Daniel Alencar
Imperatriz/MA**

“Esse livro chegou a mim no momento em que mais precisei entender essa revelação. Amar ao Senhor acima de todas as coisas deve ser nosso maior desafio. Vivemos dias onde muitas coisas concorrem com o Senhor Jesus em nossos corações e somente através de uma revelação desse amor poderemos dar a Ele o lugar que lhe é devido.

Quero convidá-lo a, através das páginas desse livro, receber a revelação que recebi, onde o Pr. Luciano Subirá de uma forma bem simples, mas também profunda, nos leva a um entendimento da principal base do nosso relacionamento com Deus, que é o amor ao Senhor. É aí que começa tudo...”

Deigma Marques
Goiânia/GO

DEDICATÓRIA

*Ao meu amado Senhor e Salvador Jesus Cristo,
razão do meu viver, meu bem maior, meu tudo. A
eternidade não será suficiente para expressar todo
amor e gratidão que lhe devo.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Juarez** (*in memoriam*) e **Zeni Subirá**, por me ensinarem, desde criança, a amar a Deus acima de todas as coisas. Sou imensamente grato por todo o investimento que vocês fizeram em minha vida! Obrigado também por me consagrarem e me doarem a Deus e ao ministério, desde o início da minha existência. Não tenho dúvidas de que “para isso nasci e vim ao mundo”!

À minha abençoada e muito amada família, por todo o apoio, não somente durante o tempo investido neste livro, mas em todo o exercício do meu ministério! **Kelly, Israel e Lissa**: Muito obrigado (mas muito mesmo)! Sei que as madrugadas gastas neste projeto lhes privaram de horas preciosas pelas manhãs em que eu me levantei mais tarde. Muitas vezes eu os ouvi cochichando por perto: “Deixe-o dormir mais! Ele ficou escrevendo de noite!” Compreender um

sacrifício é uma coisa, mas apoiar-me como vocês o fazem é bem mais profundo e faz com que eu tenha mais orgulho ainda de vocês!

Aos queridos **Marcos Taveira e Mirtes Diotalevi**, pela tão preciosa ajuda na revisão do texto. Eu sei o trabalho que eu lhes dou nessas horas, e eu reconheço a paciência e a dedicação com que vocês se empenham em ajudar um ensinador da Bíblia que coloca as suas idéias num papel de forma a quase parecer que é um escritor. Valeu mesmo!

À **Marcia d’Haese**, que além de abençoar tantas pessoas com os desenhos e histórias do Mig & Meg, se dispôs tão prontamente a fazer as ilustrações das histórias narradas no início de cada capítulo. Para quem cresceu admirando os seus desenhos, ter vários deles com a sua assinatura neste livro é um presente especial demais!

Ao precioso **Presbitério da Comunidade Alcance** em Curitiba/PR, que prefiro chamar de “minha maravilhosa equipe ministerial”. Sem o apoio e a cobertura que vocês me dão em tudo, seria impossível eu servir o Corpo de Cristo como

tenho feito. De uma forma realmente especial, vocês facilitam muito, não somente o meu trabalho pastoral, mas também a minha própria vida! Ter vocês por perto me faz realmente grato a Deus! Obrigado a todos vocês!.

Aos milhares de leitores, desconhecidos para mim, mas também preciosos, por não apenas lerem e absorverem os princípios aqui ensinados, mas também por me ajudarem a cumprir a incumbência divina sobre os meus ombros de divulgar esta tão importante mensagem!

A todos vocês MUITO OBRIGADO!

ÍNDICE

RECOMENDAÇÕES

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

Capítulo 1

O PRIMEIRO MANDAMENTO

Capítulo 2

TU ME AMAS?

Capítulo 3

ESCRAVOS POR AMOR

Capítulo 4

DÍVIDA DE GRATIDÃO

Capítulo 5

DOANDO-SE A DEUS

Capítulo 6

AMOR INCORRUPTÍVEL

Capítulo 7

VOLTANDO AO PRIMEIRO AMOR

Capítulo 8

AMOR E OBEDIÊNCIA

Capítulo 9

TRANSBORDANDO O AMOR

APRESENTAÇÃO

A idéia deste livro surgiu a partir de uma palavra que recebi de Deus e preguei na igreja que pastoreava no início de 1994. Cerca de nove anos depois, tornou-se uma visão ainda mais forte, após uma palavra profética que liberei sobre a vida do meu amigo Cristiano Batiston, do *Ministério Filhos do Homem*, em sua ordenação ao ministério pastoral, em fevereiro de 2003.

Nessa ocasião eu lhe disse que o Senhor não o havia levantado somente para ensinar o povo a adorar, mas principalmente a amar ao Senhor Jesus. No fim desse culto, o Cris me disse que precisava da minha ajuda para corresponder à palavra que lhe havia sido dada, pois reconhecia que, como um ministério de ensino bíblico mais experiente, eu poderia auxiliá-lo nesta tarefa, organizando textos e princípios bíblicos acerca do amor ao Senhor.

Prometi ajudá-lo, porém os nossos

compromissos não permitiram muitos encontros. Aí então comecei a organizar o ensino agora contido neste livro para cooperar com o Pastor Cris. Contudo, à medida que estas palavras foram sendo preparadas, comecei a receber de Deus um encargo maior, uma impressão de que eu não deveria apenas ensinar em nossa igreja, nem somente compartilhá-las com o Cristiano, mas que eu deveria compartilhá-las com todo o Corpo de Cristo!

Pedi, então, ao Pastor Cris que fizesse o prefácio e também pedi a vários ministérios conhecidos na área do louvor e da adoração (e que também procuram ensinar a Igreja a não somente adorar, mas também a amar ao Senhor), que escrevessem uma *recomendação* sobre a mensagem contida neste livro.

Leia, releia, ore a respeito, e deixe o Espírito Santo ministrar à sua vida enquanto você meditar nestas verdades.



Luciano Pereira Subirá
Curitiba/PR – Inverno de 2009

PS: A partir da segunda edição (2011) fiz um acréscimo do capítulo “Escravos Por Amor”, não existente na edição anterior. Ele veio completar e tornar ainda mais coesas as verdades apresentadas nos demais capítulos...

PREFÁCIO

E estudar a Bíblia com o Luciano Subirá é sempre uma aventura! Ao lermos os seus livros ou ouvirmos suas pregações, as revelações saltam da Palavra, como se estivessem sublinhadas e sendo comentadas pelo próprio Espírito Santo, o Qual confirma a veracidade destas revelações em nossos corações.

Em seguida, a prática destas revelações, por amor a Cristo, transforma as nossas vidas e nossas mentes, levando-nos a manifestarmos a glória de Deus.

Mas como amar a Deus?

Como entender o quanto eu o amo?

Como amá-Lo a ponto de contrariar as minhas vontades e necessidades, para poder aplicar estas revelações em minha vida?

Este livro é para minha vida um “*manual prático de como amar a Deus*”. Eu tenho direcionado o meu

ministério e a minha casa de acordo com o amor aqui descrito. Creio que a vida de cada leitor poderá ser tremendamente transformada por este princípio: amar a Deus, o qual, em suas conseqüências, engloba todos os demais princípios!

Mais uma vez, o nosso maravilhoso e querido Amigo, o Espírito Santo, nos dá as armas e nos ensina a manejá-las, através do Pastor Luciano Subirá.

Que através desta leitura agradável e descomplicada, você possa intensificar seu amor a Cristo.

Bênçãos sem medidas a todos!

Cristiano Batiston
Ministério Filhos do Homem

Capítulo 1

O PRIMEIRO MANDAMENTO

**“O amor cristão não é vítima de nossas emoções,
mas servo de nossa vontade.”**

(John R. W. Stott)

A minha esposa Kelly e eu, desde bem cedo, ensinamos aos nossos filhos a amarem ao Senhor acima de todas as coisas. Enfatizamos tanto que Deus vem antes de tudo que, algumas vezes, cheguei a ficar desconcertado com algumas respostas que me davam e que evidenciavam este entendimento. Certa ocasião, fazendo pose de “fortão”, daquele jeito que imita os halterofilistas, perguntei ao meu filho Israel:

“Quem é o cara mais forte do mundo?”

Sem hesitar, ele respondeu direto:

“Jesus!”

Sem graça, eu lhe disse:

“Sim, mas e depois de Jesus?”

Então ele replicou:

“Ah, depois de Jesus é você!”

Em outra ocasião, questionei a minha filha Lissa:

“Quem é o pai mais lindo do mundo?”

Sem titubear, ela respondeu:

“Deus!”

Novamente sem graça, eu lhe disse:

“Sim, mas e depois de Deus?”

Então ela afirmou:

“Ah, bom! Depois de Deus é você, papai!”

Se você perguntar aos meus filhos quem é a pessoa que eles mais amam, eles vão dizer que é Deus. Fico feliz com isto, pois eu os vejo crescendo com os valores corretos. Tenho aprendido que não basta darmos a Deus apenas uma *certa* atenção ou valor. Ele quer *toda* atenção e valor! Ele pede amor total!



Enquanto Deus não for o que temos de mais importante e valioso, não estaremos cumprindo o que Ele espera de nós. Por causa deste princípio, encontramos na Bíblia histórias como a do sacrifício de Isaque que o Senhor pediu a Abraão. O Senhor espera ocupar o primeiro lugar em nossas vidas. Ninguém (nem mesmo os nossos familiares – normalmente os que mais amamos) pode ocupar

o primeiro lugar, o qual pertence somente a Deus! Isto é muito evidente nos ensinamentos do Senhor Jesus, registrados nos Evangelhos:

“Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim.”

Mateus 10.37

O PRIMEIRO MANDAMENTO

Além de reconhecermos que amar ao Senhor é um mandamento divino, também precisamos entender que este é o **Primeiro** Mandamento que recebemos da parte do nosso Criador, o Deus Eterno:

“Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de

todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento.”

Marcos 12.28-30

Quando Jesus foi questionado sobre o Primeiro (ou Principal) Mandamento, Ele foi direto ao assunto mais forte do ensino bíblico: o amor. Falou primeiro do amor ao Senhor e depois sobre o homem amar ao próximo como a si mesmo.

Ao destacarem um mandamento em relação aos demais, as Escrituras não diminuem nenhum dos outros mandamentos, mas mostram que o cumprimento deste nos influencia no cumprimento dos demais.

Há algo extraordinário no amor. E, mesmo antes de falar sobre o amor ao próximo, Deus nos pede que O amemos. Sem amar ao Senhor, ninguém jamais encontrará a fonte inesgotável de amor, a qual nos permite amarmos verdadeiramente ao nosso próximo. Deus é amor, e sem que nos

misturemos com Ele por meio de uma íntima comunhão, não teremos recursos nem condições de amarmos a ninguém!

Algo que realmente me impressiona é o fato de Deus pedir não somente um amor de coração, alma, entendimento e forças, mas também um amor de *todo* coração, de *toda* alma, de *todo* entendimento e de *todas* as forças! Deus Se manifestou de uma maneira tremendamente exigente neste assunto. Ele não quer uma manifestação de amor parcial. Nada O satisfaz, a não ser o *amor total* de cada parte que completa o todo do nosso ser!

Sabemos qual é a expectativa que o Pai Celestial tem com relação ao nosso relacionamento com Ele. Ele não estabeleceu este mandamento como o primeiro – e mais importante – de todos, somente para ter o nosso amor, mas para garantir que O amemos acima de tudo e de todos.

O Primeiro Mandamento revela não somente o que temos que fazer (amá-Lo), mas principalmente a intensidade com que devemos obedecê-lo: *de todo o nosso ser!*

MALDIÇÃO NA IGREJA

Há uma maldição assolando a muitos na Igreja de Jesus Cristo em nossos dias. Por mais que ensinemos que Cristo Se fez maldição por nós, para que recebêssemos a bênção (Gl 3.13-16), e que temos uma herança em Deus, há crentes que nunca entram no lugar de bênção que o Senhor tem para eles, porque vivem numa permanente quebra de princípios das Sagradas Escrituras.

Mesmo ciente de que *“Deus nos abençoou com toda sorte de bênçãos nas regiões celestiais em Cristo Jesus”* (Ef 1.3) e que esta é a nossa posição de direito em Cristo, afirmo que há crentes que jamais chegarão a usufruir da plenitude que o Pai Celestial tem para as suas vidas!

Eles estão quebrando um princípio divino. Estão acionando contra si mesmos uma lei estabelecida na Palavra de Deus. E, enquanto não entenderem e praticarem este poderoso princípio, não haverá confissão de fé que lhes proporcione esta bênção divina!

Quando não oferecemos a Deus o nosso amor, estamos nos rebelando com relação ao Seu

Primeiro e Maior Mandamento. Não entendo como eu li tantas e tantas vezes este trecho bíblico sem enxergar a sua profundidade! Porém, em certa ocasião, Deus abriu os meus olhos:

“Se alguém não ama ao Senhor seja anátema.”

1 Coríntios 16.22

Segundo a Concordância Exaustiva de Strong, a palavra grega “*anathema*” significa: 1) algo preparado ou separado para ser guardado ou dedicado; especificamente, uma oferta resultante de um voto, que depois de ser consagrada a um deus era pendurada nas paredes ou colunas do templo, ou colocada em algum outro lugar visível; 2) algo dedicado a Deus sem a esperança de recebê-lo de volta, referindo-se a um animal doado para ser sacrificado; daí, uma pessoa ou algo destinado à destruição; uma maldição, uma praga; um homem amaldiçoado, destinado à mais terrível das tristezas e angústias.

Há muitas pessoas nas igrejas evangélicas que não entendem porque não alcançam aquele lugar de completa realização em Deus. Fazem tudo o que

lhes mandam, todo tipo de “campanhas” e “receitas milagrosas”, mas, ainda assim, não conseguem encontrar a plenitude da bênção de Deus! A verdade é que há uma maldição (que mantém as pessoas cativas à tristeza e à angústia) sobre muitos cristãos hoje! É a consequência do pecado da falta de amor ao Senhor!

BÊNÇÃO VERSUS MALDIÇÃO

As Escrituras Sagradas mostram claramente que as nossas escolhas determinam a bênção ou a maldição sobre as nossas vidas. Ao dar ao homem o livre arbítrio (o direito de escolher), Deus também o conscientizou sobre o resultado das suas escolhas:

“Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência.”

Deuteronômio 30.19

A mensagem bíblica é clara. Há dois caminhos: o da vida e da bênção, e o da morte e da maldição! A escolha é do homem, não de Deus! Da parte de

Deus temos o conselho, a sugestão para a escolha certa. E a escolha de sermos abençoados ou não é feita quando optamos pela obediência ou pela desobediência aos mandamentos divinos.

Observe os detalhes do texto todo:

“Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o Senhor, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires, então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais, passando o Jordão, para a possuíres. Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o

Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.”

Deuteronômio 30.15-20

Este é o mesmo princípio que aparece em Deuteronômio 28, quando o Senhor fala a respeito de bênçãos e maldições: a obediência produz bênção, e a desobediência produz maldição!

“Se atentamente ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. Se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos...”

Deuteronômio 28.1,2

Todas as bênçãos citadas neste capítulo seguiriam o povo de Deus se houvesse da parte deles a disposição de andarem nos mandamentos do Senhor. Contudo, se decidissem não obedecer, então as maldições os seguiriam:

“Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os

seus mandamentos e os seus estatutos que, hoje, te ordeno, então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão.”

Deuteronômio 28.15

A bênção é uma intervenção divina que nos leva a experimentarmos coisas melhores do que a nossa própria capacidade nos levaria a conseguirmos. Se, por exemplo, ao lavrarmos uma terra, o seu potencial de produção natural fosse um certo valor, com a bênção de Deus conseguiríamos obter resultados bem melhores. Por outro lado, a maldição é um juízo divino que permite uma ação maligna que, no exemplo já mencionado, da lavoura, nos levaria a termos perdas e prejuízos.

Uma vez estabelecido este fundamento, precisamos olhar para o princípio de amarmos ao Senhor como sendo um ***mandamento*** da Palavra de Deus. Portanto, a desobediência a este mandamento implica em maldição!

Vivemos dias de uma grande “colheita”. Nunca antes vimos tantas pessoas convertendo-se ao Senhor. Recentemente, li uma reportagem no

jornal “*A Folha de São Paulo*”, dizendo que somente na capital paulista são iniciadas (com registro oficial) quase duas igrejas por dia! Além das novas igrejas, as já estabelecidas crescem cada vez mais. Satanás já não consegue mais deter o crescimento da Igreja. Assim sendo, ele procura diluir a nossa força em Deus, corrompendo-nos em algumas práticas importantes, principalmente na questão do amor ao Senhor. Muitas igrejas hoje estão cheias de pessoas que correm atrás de uma “bênção”, mas não cultivam amor ao Senhor em seus corações! São pessoas para quem o conselho da mulher de Jó, “*Amaldiçoa teu Deus e morre*” (Jó 2.9), seria muito bem aceito, caso percebessem que não foram abençoadas ou atendidas!

O grande avivamento que está por vir e as tremendas bênçãos de conquistas decorrentes dele dependem de uma nova atitude da Igreja na forma de buscarmos ao Senhor. Permita-me mostrar-lhe isto, através de princípios bíblicos, citando um trecho do Primeiro Capítulo do nosso livro “*A Outra Face dos Milagres*”, que trata deste assunto:

DEUS OU UM AMULETO?

A geração de Eli perdeu a presença de Deus. Lemos no Capítulo 4 de 1 Samuel que a Arca de Deus foi tomada, e foi dito: *“Icabode”*, que significa *“Foi-se a glória de Israel!”* Esta foi uma geração que perdeu a presença do Senhor. Eles decaíram tanto que chegaram ao ponto em que os sacerdotes (os filhos de Eli) se envolviam em prostituição na porta do Templo de Deus!

Esta geração de Eli é um exemplo a não ser seguido, pois pecou gravemente contra o Senhor, e por isso Ele a julgou. E qual foi o motivo pelo qual esta geração perdeu a presença de Deus? Onde ela falhou?

Ela falhou ao fazer da presença do Senhor somente um amuleto! Ela não buscava ao Senhor para adorá-Lo! Quase ninguém mais ia a Siló, onde estava o Templo. As pessoas já não estavam mais interessadas em irem à Casa do Senhor e a buscarem a Sua face, ou tampouco em adorá-Lo!

Contudo, na hora das dificuldades, queriam fazer da presença de Deus uma espécie de amuleto que resolveria os seus problemas! Israel saiu à batalha e

encontrou a derrota diante dos filisteus (1 Sm 4.1-3)! Com medo de serem novamente derrotados, mandaram buscar a Arca de Deus e a trouxeram ao campo de batalha:

“Mandou, pois, o povo trazer de Silo a arca do Senhor dos Exércitos, entronizado entre os querubins; os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, estavam ali com a arca da aliança de Deus. Sucedeu que, vindo a arca da aliança do Senhor ao arraial, rompeu todo o Israel em grandes brados e ressoou a terra. Ouvindo os filisteus a voz do júbilo, disseram: Que voz de grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então souberam que a arca do Senhor era vinda ao arraial. E se atemorizaram os filisteus e disseram: Os deuses vieram ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! que tal jamais sucedeu antes. Ai de nós! quem nos livrará das mãos destes grandiosos deuses? São os deuses que feriram aos egípcios com toda sorte de pragas no deserto.”

1 Samuel 4.4-8

Note que até os filisteus ficaram com medo da Arca, pois eles, em sua condição de gentios pagãos,

também acreditavam na força dos amuletos. Isto nos mostra que os filhos de Israel já haviam adotado esta forma mundana de pensamento!

Para essa geração dos filhos de Israel, Deus já não era mais o Criador e Sustentador de todas as coisas; já não era o Salvador do Seu povo; já não era Aquele que é digno de honra e glória! O Seu Templo estava abandonado em Siló, as pessoas já não iam à Sua presença para reverenciá-Lo e declararem o seu amor, confiança e dependência. Para essa geração, Deus havia Se tornado Alguém de quem somente se lembravam na hora da necessidade. E, mesmo na hora da necessidade, esses israelitas não buscaram a presença do Senhor. Eles apenas “*mandaram buscar*” a Arca, pois os que fazem de Deus um “*Resolve-Tudo*” nem sequer se dão ao luxo de buscá-Lo!

Na minha experiência pastoral, eu já conheci muitos que não se importam em buscarem a presença do Senhor. Quando os convidamos aos cultos nunca podem, mas basta enfrentarem alguma situação difícil e já estão ligando para saberem se podemos orar com eles (e de

preferência em suas casas!). Quando os chamamos para cultuar ao Senhor e render-Lhe glória, não querem. Mas, quando os negócios vão mal, querem que oremos em seu trabalho!

A nossa geração precisa aprender a temer e a amar ao Senhor, ao invés de querer tratá-Lo como um empregado. A geração de Eli não buscou ao Senhor. Ela fez d'Ele um mero “*Resolvedor de Encrencas*”, e por isso perderam a Sua presença!

“Então pelejaram os filisteus; Israel foi derrotado, e cada um fugiu para a sua tenda; foi grande a derrota, pois caíram de Israel trinta mil homens de pé. Foi tomada a arca de Deus, e mortos os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias.”

1 Samuel 4.10,11

Eles perderam a presença do Senhor! Esta perda foi algo tão terrível que a nora de Eli sofreu mais com ela do que com a morte do seu sogro e do seu marido!

“Estando a sua nora, a mulher de Finéias, grávida, e próximo o parto, ouvindo estas novas, de que a arca de Deus fora tomada, e de que seu sogro e seu marido

morreram, encurvou-se e deu à luz; porquanto as dores lhe sobrevieram. Ao expirar disseram as mulheres que a assistiam: Não temas, pois tiveste um filho. Ela porém não respondeu e nem fez caso disso. Mas chamou ao menino Icabode, dizendo: Foi-se a glória de Israel. Isto ela disse, porque a arca de Deus fora tomada, e por causa de seu sogro e seu marido. E falou mais: Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus.”

1 Samuel 4.19-22

Em nossos dias a Igreja está vivendo este perigo. Estamos deixando de adorar ao Senhor pelo que Ele é, e O estamos buscando somente pelo que Ele faz! Isto nos deixa parecidos com os seguidores de Satanás! O Diabo não tem seguidores pelo que ele é, pois ele nada é! As pessoas pactuam com ele e o servem em troca de algo: querem fama, fortuna, e outras coisas, e pagam com as suas próprias almas por isso! Contudo, elas não vêem na pessoa do Diabo nenhum atrativo – apenas em sua proposta!

E qual é o modelo bíblico da atitude correta que vemos nos que servem a Deus?

Depois que a mulher de Jó lhe pediu que ele amaldiçoasse o seu Deus e morresse (Jó 2.9), ele declarou o seguinte: *“Ainda que Ele me mate, n’Ele esperarei”!* (Jó 13.15).

É de pessoas como Jó que o Reino de Deus necessita hoje – pessoas que aprendam a buscar a Deus pelo que Ele é, e não somente pelo que Ele faz!

Isto não quer dizer que não podemos buscar o que Deus faz, e sim que não devemos esquecer o que Ele é e que jamais devemos perder esta ênfase!

A GERAÇÃO DE DAVI

A geração do rei Davi distinguiu-se da geração de Eli. Quando falamos de Davi, a primeira coisa que nos vem à mente é o louvor. Diferentemente da geração que falhou, perdendo a presença do Senhor (a Arca da Aliança simbolizava a presença de Deus), Davi fez tudo para resgatá-la. Em seus dias, a Arca voltou a Israel.

O rei Davi representa os que sabem buscar e adorar a Deus pelo que Ele é. Ele já vinha

experimentando o que Deus fazia. Ele havia matado um leão e um urso, porque o Senhor estava com ele (1 Sm 17.34-37). Ele havia matado Golias, o gigante, porque o Senhor estava com ele. Ele havia vencido os seus inimigos na guerra, porque o Senhor era com ele. No entanto, ainda que experimentando tudo o que Deus podia fazer, Davi sabia que o nosso relacionamento com Deus era mais do que isso, pois o Senhor não era (e continua não sendo) um mero amuleto ao qual recorreremos na hora dos problemas. Ele é o Criador de todas as coisas, o Senhor, o Deus sublime e excelente, o Pai Celestial, amoroso e cheio de benignidade. Ele é digno de honra, glória e adoração! Ele merece todo o nosso culto, reverência e devoção!

Davi foi chamado de “*um homem segundo o coração de Deus*”, pois ele agradou o coração de Deus com as suas atitudes. Isto não quer dizer que ele tenha sido perfeito. Ao contrário, a Bíblia nos mostra com clareza as suas falhas e erros. Ao chamá-lo de “*um homem segundo o coração de Deus*”, as Escrituras mostram que ele conseguiu entender o que Deus queria para aquela geração.

Davi não apenas conseguiu conquistar os seus inimigos, apropriando-se da Terra Prometida (que nunca havia sido ocupada em sua totalidade), mas também introduziu o ministério de louvor e música no Tabernáculo. Ao lermos os Salmos, percebemos que Davi não tinha uma ênfase e expectativa somente no que Deus fazia, mas principalmente no que Ele era!

O rei Davi foi, antes de tudo, um adorador. Quando adoeceu o primeiro filho que Bate-Seba lhe deu, ele buscou o que Deus podia fazer – a cura. No entanto, isto não aconteceu, pois os casal estava colhendo as consequências do seu pecado. Contudo, quando a criança morreu, Davi não se revoltou contra Deus e nem mesmo entrou em luto. A Bíblia diz que ele se lavou, mudou de vestes, e foi adorar ao Senhor no Tabernáculo. Em seguida ele encerrou o seu jejum e comeu (2 Sm 12.20).

Por que ele fez isto?

Muitos teriam se revoltado porque Deus não fez o que havia sido pedido. Davi, no entanto, sabia que antes de atentarmos para o que Deus faz, devemos atentar para o que Ele é. E, como Deus é justo, e

não erra nunca, não havia motivos para questioná-Lo. Neste momento difícilíssimo da sua vida, Davi foi adorar a Deus, reconhecendo o que Ele era, e exaltando-O por isso.

Que diferença da geração de Eli, a qual considerou a presença de Deus como um mero amuleto! A forma como Davi portou-se ao trazer de volta a Arca do Senhor revela como estes princípios estavam corretos em seu coração:

“Então avisaram a Davi, dizendo: O Senhor abençoou a casa de Obede-Edom e tudo quanto tem, por amor à arca de Deus; foi, pois, Davi, e, com alegria, fez subir a arca de Deus da casa de Obede-Edom, à cidade de Davi. Sucedeu que, quando os que levavam a arca do Senhor tinham dado seis passos, sacrificava ele bois e carneiros cevados. Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor; e estava cingido duma estola sacerdotal de linho. Assim Davi, com todo Israel, fez subir a arca do Senhor, com júbilo, e ao som de trombetas. Introduziram a arca do Senhor, e puseram-na no seu lugar, na tenda que lhe armara Davi; e este trouxe holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor. Tendo Davi trazido

holocaustos e ofertas pacíficas, abençoou o povo em nome do Senhor dos Exércitos. E repartiu a todo o povo, e a toda a multidão de Israel, assim a homens como a mulheres, a cada um, um bolo de pão, um bom pedaço de carne e passas. Então se retirou todo o povo, cada um para sua casa.”

2 Samuel 6.12-15,17-19

Este foi um dia de festa para todo o povo. Ofertaram ao Senhor, cantaram, dançaram e comeram, pois a presença do Senhor estava com eles! Davi conseguiu comunicar a grande parte daquele povo a importância de reverenciarmos e cultuarmos a Deus com alegria, pois o Senhor é merecedor de todo o nosso louvor. Ele violou as leis da etiqueta real, descobrindo-se diante do povo, dançando, e jubilando, e assim desagradou a Mical, sua esposa. Quando Davi chegou em casa, ela o criticou. Ela pertencia ao grupo que somente se interessa pelo que Deus faz, e não pelo que Ele é! Por isso ela não chegou a ver o que Deus podia fazer por ela: ela ficou estéril até o dia da sua morte!

“Ao entrar a arca do Senhor na cidade de Davi,

Mical, filha de Saul, estava olhando pela janela, e, vendo o rei Davi, que ia saltando e dançando diante do Senhor, o desprezou no seu coração. Voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, a filha de Saul, saiu a encontrar-se com ele, e lhe disse: Que bela figura fez o rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas de seus servos, como sem pejo se descobre um vadio qualquer! Disse, porém, Davi a Mical: Perante o Senhor que me escolheu a mim antes do que a teu pai, e a toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo do Senhor, sobre Israel, perante o Senhor me tenho alegrado. Ainda mais desprezível me farei, e me humilharei aos meus olhos; quanto às servas, de quem falaste, delas serei honrado. Mical, filha de Saul, não teve filhos, até o dia de sua morte.”

2 Samuel 6.16,20-23

Davi era alguém que não buscava a Deus de um modo interesseiro, nem se preocupava somente consigo mesmo, mas sempre colocava o Senhor à frente. Todas as suas atitudes mostram que, diferentemente da geração apóstata de Eli, ele tratava o Senhor como Deus, e não como se fosse um mero amuleto!

Semelhantemente, quem aprende a forma correta de se chegar a Deus certamente será alguém marcado por aquilo que Deus faz, pois a reverência ao Senhor é o meio pelo qual provamos milagres e manifestações maiores.

Já é hora de a Igreja entender que estamos nos chegando a Deus quando O adoramos, e não estamos apenas “nos preparando para recebermos a Palavra”! A música no culto é para o louvor e adoração d’Aquele que é digno! Não é um mero entretenimento! Tanto na celebração coletiva como na devoção pessoal, temos nisto uma das maiores chaves para a manifestação do poder de Deus em nossas vidas!

É hora de reaprendermos a honrarmos ao Senhor pelo que Ele é, e assim o que Ele faz será uma consequência natural em nossas vidas, pois é impossível adorarmos ao Senhor sem provarmos a Sua ação em nossas vidas! Tiago escreveu o seguinte sobre isto:

“Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros.”

Tiago 4.8a

À medida que nos aproximamos do Senhor em amor e exaltação, a Sua presença também vem ao nosso encontro. E os milagres acontecerão quando tivermos a presença do Senhor conosco – ainda que não estejamos esperando isto!

Capítulo 2

TU ME AMAS?

“A alma descobre isso em Jesus, e nada pode fazer a não ser escolhê-Lo e deleitar-se Nele com um novo e particular amor, que diz: Meu Amado é meu!”

(Robert Murray McCheyne)

No ano de 1994, Deus falou comigo de uma forma diferente. Eu era ainda novo no ministério, com apenas alguns anos de experiência como pregador e poucos meses como pastor. Eu era solteiro e morava na cidade de Guarapuava, no Estado do Paraná, onde durante nove anos auxiliei no estabelecimento e pastoreamento da Comunidade Vida. Era uma quinta-feira, e tudo começou durante um delicioso almoço que eu havia desfrutado na casa de dois irmãos queridos: o Barbosa e a Dirlei.

A irmã Dirlei disse que a sua filha Tássia havia tido um sonho muito impactante naquela noite e queria que ela o compartilhasse comigo. Na ocasião ela tinha apenas sete anos. Ela ressaltou que a

Tássia quase não havia conseguido compartilhá-lo com eles, pois emocionava-se ao lembrar-se da sua experiência e ao tentar contá-la. Lutando contra o choro, aquela menina contou que havia sonhado com um dos nossos cultos e que tinha me visto subindo na plataforma para pregar. Naquele momento, ela viu o telhado de zinco do barracão onde nos reuníamos sendo enrolado e abrindo-se, bem como os céus acima de nós. Então ela viu o Senhor Jesus descendo dos céus até o púlpito da igreja. E, de uma forma gentil, Ele me abraçou e disse que eu poderia sentar-me, porque seria Ele que pregaria à igreja naquela noite.

Se eu, que não sonhei nada e apenas a ouvi, fui envolvido por uma indescritível sensação da presença de Deus, nem posso tentar imaginar o que foi esta experiência para aquela garotinha! Teríamos um culto naquela noite, e eu, supondo que a mensagem não fosse literal, sentia que Deus estava tentando falar comigo.



Eu quase não aguentei esperar a hora de chegar em casa para orar e buscar ao Senhor. Ao fazê-lo, fui muito visitado por Ele. Eu sabia que Deus queria fazer algo diferente naquela noite. Foi então que, entre lágrimas e soluços, supliquei ao Senhor que Ele me ajudasse a entender o que estava acontecendo e o que Ele queria dizer-me com aquilo. Ouvi o Espírito Santo dizendo claramente

que eu deveria deixar de lado a mensagem que eu havia preparado, porque Ele queria dizer à igreja algo muito específico. Entendi que a mensagem do sonho não era para eu sentar-me literalmente, mas para deixar de lado o que eu havia planejado pregar, para que Ele pudesse comunicar a Sua própria mensagem à igreja. Decidi de imediato abandonar o esboço que estava pronto e perguntei a Deus o que Ele queria comunicar naquela noite. Então ouvi o Espírito Santo falando pela segunda vez, de uma forma muito clara:

“Estou tentando falar com a Minha Igreja desde o culto de domingo, e vocês não me permitiram!”

Nesta hora, as “escamas” caíram dos meus olhos e eu pude ver e entender tudo muito claramente. Era quinta-feira. Tivemos o culto de domingo à noite e uma reunião na terça-feira à tarde, e aquela seria a nossa terceira reunião naquela semana.

No fim da reunião da terça-feira à tarde, a irmã Maria, que estava conosco desde o início da igreja, havia compartilhado uma experiência incomum. Ela me contou que, no culto do domingo, ela teve uma visão fantástica. Apesar de estar com os seus

olhos abertos e com todos os seus sentidos funcionando normalmente, ela viu o teto de zinco do barracão em que a igreja estava instalada naquele tempo sendo enrolado para os lados, e aí então, ela também viu o Céu abrindo-se e viu uma Pessoa gloriosa. O Seu rosto brilhava como o sol, e ela não podia ver a Sua forma, pois era difícil contemplar aquele brilho. Ela viu também que Ele estava envolvido em chamas até a altura da cintura e rodeado de anjos. Um dos Seus braços encontrava-se estendido para o lado, e, pela cicatriz em Sua mão, ela soube para quem estava olhando. Com a outra mão estendida em direção da igreja, e, com o dedo em riste, Ele perguntava em alta voz:

“Tu me amas?”

Ele repetiu este ato três vezes seguidas, e a Sua voz parecia um trovão. A irmã Maria disse que achava a princípio que todos estivessem vendo e ouvindo o que ela estava presenciando, mas, ao perceber que todos agiam normalmente, como em qualquer outra reunião, entendeu que se tratava de uma visão. Ela ficou tão impactada que sequer teve coragem de falar a respeito da experiência. As suas

forças sumiram, e ela praticamente ficou de cama até o nosso culto da terça-feira à tarde, quando contou-me a visão.

Perguntei-lhe se ela achava que aquela mensagem era somente para ela, ou se era para toda a igreja. Ela estava convicta de que era para toda a igreja. Eu chamei a sua atenção por não ter falado nada antes, pois já haviam se passado duas reuniões sem que pudéssemos compartilhar a sua visão com a igreja. Apesar de ter chamado a sua atenção, eu mesmo não pedi que ela falasse nada na reunião seguinte, nem sequer orei sobre isto! Ainda não entendo como pude ser tão insensível, mas fui! Eu amo o mover profético na igreja e eu creio no fluir dos dons do Espírito Santo para a edificação do Corpo, mas confesso que não sei a razão pela qual eu não pensei mais nisso! Afinal de contas, não é todo dia que as pessoas recebem de Deus uma visão aberta e sonham desta forma! Mas, mesmo diante disto tudo, demorei muito para entender o que o Senhor queria falar. Isto me mostra que nem sempre estamos tão receptivos ao Espírito Santo como achamos que estamos!

Então chegou a quinta-feira, dois dias depois de eu ter ouvido sobre aquela visão aberta. E havia uma nova visão me chamando a atenção para o fato de que o Senhor queria falar com a Sua igreja. Hoje, ao olhar para trás e lembrar-me destas experiências, sinto-me como os discípulos no Caminho de Emaús. E eu me pergunto: “Como foi que eu não vi e não entendi antes o que o Senhor estava tentando dizer a nós? Mas, sob uma forte visitação do Espírito Santo, percebi naquela quinta-feira   tarde que aquele era um momento profético de correção e ensino para mim e para toda a igreja. Assim sendo, perguntei-Lhe:

“Pai querido, o que é que o Senhor deseja dizer   Sua igreja?”

Uma vez mais eu fui surpreendido pela clareza da voz do Espírito Santo. Permita-me dizer que nem sempre eu experimento isto. Esta foi uma forma incomum de eu ouvir ao Senhor e receber um esboço de mensagem! Mas foi assim que aconteceu! Ele me perguntou qual texto da Escritura Sagrada me vinha à mente ao recordar-me da visão que a irmã Maria havia tido. Abri no

Capítulo 21 do Evangelho de João (onde Jesus fala com Pedro desta mesma forma) e li o texto várias vezes, mas não conseguia entender o que havia aí. Então o Espírito Santo me mandou alistar três tópicos numa folha de papel que eu trazia à mão, e falou comigo de uma forma como Ele nunca havia falado antes.

Eu cheguei a ter algumas experiências parecidas nestes últimos nove anos, mas foram poucas. E isto me fez entender a importância do assunto e a natureza da missão que Ele estava me entregando: compartilhar estas verdades com a sua Igreja. Nestes anos que se seguiram, preguei sobre este assunto poucas vezes, e somente agora sinto em meu coração que chegou o tempo de compartilhar e escrever de um modo mais abrangente sobre os princípios aqui abordados.

Estou certo de que Deus falará ao seu coração. Esta não é somente uma palavra de ensino, mas é também um chamado profético de Deus à sua Igreja. Portanto, “*quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*” (Ap 2.29). Naquele dia o Senhor falou muito comigo sobre o nosso amor

para com Ele. E tudo começou a partir deste texto bíblico:

“Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.”

João 21.15-17

Ele me deu três princípios, extraídos da conversa que Ele teve com Pedro, transcrita nos versículos acima:

1. a necessidade de auto-avaliação;
2. o amor pode crescer;

3. o amor se expressa em ações.

Vejamos com detalhes o que Ele me disse sobre cada um destes princípios.

A NECESSIDADE DE AUTOAVALIAÇÃO

O primeiro princípio que o Senhor me mostrou naquele dia foi que todos temos a necessidade de passarmos por uma sincera auto-avaliação do nosso amor. Por que o Senhor fez a mesma pergunta três vezes?

Na verdade, Jesus não precisava perguntar coisa alguma, visto que, após a Sua ressurreição e consequente glorificação, o atributo da Onisciência do qual Ele Se despojou temporariamente havia voltado a operar plenamente. Então, se Ele sabia todas as coisas, mas ainda assim questionou a Pedro, concluímos que Ele o fez, não por necessidade da resposta, mas para conduzir o apóstolo a uma sincera auto-avaliação.

Creio que o que o Senhor queria era exatamente isso: fazer com que Pedro olhasse para dentro de si mesmo e reconhecesse a qualidade e a intensidade

do amor que ele dedicava a Cristo.

Muitas vezes podemos até mesmo nos enganar em nosso julgamento com relação ao quanto amamos ao Senhor. Através do Espírito Santo, o profeta Jeremias declarou o seguinte:

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?”

Jeremias 17.9

Vemos isto de forma específica na vida do apóstolo Pedro. Ele achava que o seu amor por Jesus fosse muito maior do que o que veio a demonstrar posteriormente. Pelas promessas que fez (e não cumpriu), percebemos que ele estava enganado com relação ao amor que ele achava que tinha pelo Senhor:

“Então, lhes disse Jesus: Todos vós vos scandalizareis, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia. Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se scandalizem, eu, jamais! Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu

me negarás três vezes. Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. Assim disseram todos.”

Marcos 14.27-31

“Ainda que todos se escandalizem, eu, jamais!” Você percebe a mentalidade de Pedro revelada nesta afirmação? Ele se achava tremendamente fiel ao Senhor, mas estava prestes a descobrir que não era tudo o que pensava ser. E, muito embora o nosso enfoque esteja em Pedro, que se achava melhor do que os outros, note que cada um deles afirmou que, se preciso fosse, também morreria com Jesus! Eles realmente acreditavam em sua espiritualidade e fidelidade! Mas, na hora em que Cristo foi preso, todos fugiram (Mc 14.50). Nenhum deles ficou por perto. Ainda que não abandonando completamente a Jesus, o apóstolo Pedro permaneceu à distância, talvez ainda acompanhando o andamento das coisas, por curiosidade com relação ao que aconteceria. Contudo, ao mesmo tempo, ele tentou manter uma distância segura, para que ele não fosse preso

juntamente com Jesus.

“Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo.”

Marcos 14.54

E foi exatamente esta atitude que o levou ao passo seguinte, já profetizado anteriormente pelo Mestre: negar a Jesus Cristo!

“Estando Pedro embaixo no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote e, vendo a Pedro, que se aquetava, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno. Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. [E o galo cantou.] E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles. Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu. Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais! E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu

me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar.”

Marcos 14.67-72

Mateus declara em seu Evangelho que Pedro “*chorou amargamente*” (Mt 26:75). Marcos enfatiza que ele irrompeu em prantos assim que “*caiu em si*” – o que revela claramente que até então ele estava “*fora de si*”! Os nossos corações muitas vezes nos enganam, levando-nos a acharmos que amamos mais do que realmente amamos. Pedro havia fantasiado o seu amor e fidelidade ao Senhor. Ele também havia construído um sentimento de grandeza própria, e, de repente, tudo caiu por terra. Ele descobriu que não era tão forte assim. Descobriu também que há uma grande distância entre o que achamos que somos e o que de fato somos. É por isso que o Novo Testamento enfatiza muito o cuidado para que não nos enganemos a nós mesmos. Na Carta aos Romanos, Paulo declarou: “... *digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação...*” (Rm 12.3).

Uma avaliação superficial talvez não seja suficiente para você compreender quão falho ainda é o seu amor. E, não enxergando a sua fragilidade, você estará impedido de crescer e de buscar a maturidade. Examine o seu coração. Peça ao Espírito Santo que lhe mostre a qualidade e a intensidade real do seu amor ao Senhor!

O AMOR PODE CRESCER

O segundo princípio que o Senhor me mostrou naquele dia foi que *o nosso amor pode crescer*. A conscientização da pequenez do nosso amor a Cristo não deve nos trazer sentimentos de culpa ou de condenação, e sim de estímulo ao crescimento. O fato de reconhecermos a grande distância em que estamos do alvo nos mostra que devemos nos esforçar mais para alcançá-lo.

Lembre-se que, anteriormente, Simão Pedro achava que amava ao Senhor Jesus a ponto de dar a

sua própria vida por Ele. De repente, ele veio a descobrir que não era tudo o que pensava ser, e tampouco amava tanto quanto achava.

Decepcionado, Pedro passou a achar que ele não amava assim ao Senhor. É neste dilema vivido pelo apóstolo que Cristo o levou a examinar-se a si mesmo e a verificar a intensidade e a qualidade do seu amor.

Vemos isto na maneira pela qual as perguntas lhe foram feitas pelo Senhor e pela promessa que Ele lhe fez depois delas. Há um jogo de palavras no original grego que não percebemos na tradução do português. Trata-se da palavra “*amor*”.

A língua grega possui palavras diferentes para conotar expressões diferentes de amor. Se a referência ao amor é física, sexual, então a palavra grega empregada é “*eros*”. Se a conotação do amor for fraternal, então é “*fileo*”. E, quando se trata de um amor perfeito, intenso, do tipo do amor de Deus, então a palavra usada é “*ágape*”.

Na língua portuguesa não temos este tipo de diferença. Contudo, Jesus usou diferentes tipos de palavras na conversa com Pedro.

Na primeira pergunta, Ele diz:

“Tu me amas (“ágape”)?”

E Pedro Lhe responde:

“Tu sabes que te amo” (“fileo”).

Na segunda vez acontece o mesmo. Jesus pergunta se Pedro O ama na maior intensidade de amor – “ágape” – e Pedro reconhece que O ama, mas nem tanto: o seu amor era somente “fileo”. Como não consegue levar a Pedro à dimensão de amor da Sua pergunta, Jesus desce à dimensão dele, e, na terceira vez, pergunta-lhe:

“Tu me amas (“fileo”)?”

Aí então Pedro diz:

“Senhor, Tu sabes todas as coisas; Tu sabes que eu Te amo” (“fileo”).

É como se uma vez mais ele afirmasse:

“O meu amor não vai além disso, e eu não quero enganar a mim mesmo de novo!”

Portanto, para as perguntas de Jesus a Pedro: *“Tu Me amas?”*, as respostas foram: *“Senhor, Tu sabes que eu gosto de Ti!”* No entanto, a beleza desta conversa está no fato de que, ainda que Jesus não

tivesse ouvido da boca de Pedro que ele O amava a ponto de morrer por Ele, o Mestre afirmou que Pedro ainda glorificaria a Deus através da sua morte:

“Na verdade, na verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras. E disse isso significando com que morte havia ele de glorificar a Deus. E, dito isso, disse-lhe: Segue-me.”

João 21.18,19

Ao dizer a Pedro a maneira como ele morreria, Jesus estava declarando que chegaria o dia em que ele amaria ao Senhor como o Senhor deseja ser amado. E, na promessa de que Pedro daria a sua vida por Ele, Jesus declarou até mesmo que tipo de morte seria: o apóstolo estenderia as suas mãos (ou seja, pela crucificação, um tipo de morte comum nos dias do Império Romano!). E a *tradição* nos ensina que, quando o imperador Nero mandou crucificá-lo (entre 64 e 67 d.C.), Pedro teria dito o

seguinte: “*Não sou digno de morrer como o meu Senhor!*”

E, em seguida, ele teria pedido que o crucificassem de cabeça para baixo, o que, se de fato ocorreu, foi uma demonstração ainda maior de amor a Jesus Cristo!

Durante muito tempo eu achei que Jesus fez estas três perguntas a Simão Pedro como uma forma de lhe dar a chance de “*consertar*” as suas três negações. No entanto, ao examinar este jogo de palavras, percebi que o Senhor não queria acusá-lo ou desanimá-lo. Além de levar o apóstolo à conclusão de que ele ainda não O amava o quanto deveria, o Senhor fez isto com um único propósito: inspirá-lo a crer que um dia ele atingiria a maturidade deste amor “*ágape*” por Ele!

É importante destacarmos o seguinte: o Senhor acredita em nós mais do que nós mesmos! Ele vê o nosso potencial de sucesso quando somente enxergamos as nossas falhas. Ele vê o nosso futuro quando nos prendemos ao nosso passado. Quando falhamos em expressar-Lhe o nosso amor, Ele consegue dizer a cada um de nós: “Eu sei que você

ainda vai chegar lá!”

Assim como Pedro teve a sua “chama de esperança” reacesa, igualmente nós também podemos ter a nossa esperança reavivada. Até mesmo se o nosso coração ainda não estiver manifestando a intensidade e a qualidade de amor que deveria, podemos seguir adiante, decidindo crescer neste amor!

O AMOR SE EXPRESSA EM AÇÕES

O terceiro princípio que o Senhor me mostrou naquele dia foi que *o verdadeiro amor* não se limita somente a palavras, mas também *se expressa em ações*. O apóstolo João escreveu:

“Mas aquele que tiver bens do mundo e vir seu irmão em necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como permanece nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obras e em verdade.”

1 João 3.17,18

A verdade é que o mero falar de amor ao irmão é fácil, mas João nos ensinou que temos que

demonstrar por meio das nossas obras o amor do qual falamos. “*Amor*” não é sentimento – é ação! As nossas ações devem fazer coro com as nossas palavras. E isto não apenas no que tange ao amor ao próximo, mas principalmente no que diz respeito ao nosso amor pelo Senhor. O mero fato de declararmos e cantarmos sobre este amor não é suficiente! O Senhor Jesus fez o seguinte “protesto” com relação a isto:

“Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram...”

Marcos 7.6,7

Não adianta nada termos uma declaração de amor em nossos lábios, com, no entanto, uma atitude de desarmonia em nossos corações! O amor deve ser expresso por meio de ações!

Na conversa de Jesus com Pedro, com relação ao nosso amor ao Senhor, vemos algo interessante. Depois de cada pergunta do Mestre, com as consequentes respostas de amor de Pedro, o Senhor

lhe pediu que ele apascentasse as Suas ovelhas.

Por quê?

Porque quem ama trabalha! Seria o equivalente à seguinte declaração: “Se você Me ama, ame o que Eu também amo, e faça algo para Mim!”

Quem ama age em conformidade, expressando isto com ações de louvor, de gratidão, de serviço, e muito mais! Precisamos entender este princípio e aprender a expressarmos o nosso amor ao Senhor, não somente por meio de palavras ou de canções de adoração, mas também e principalmente por meio do nosso trabalho a Ele!

O exercício do ministério é uma manifestação de amor ao Senhor Jesus Cristo. Por causa disso, não entendo como tantos crentes – que dizem que amam tanto a Cristo – conseguem apenas “*esquentar os bancos*” (ou cadeiras) de uma igreja. Nunca demonstram o amor de que tanto falam, dispondo-se a trabalharem para Deus. Infelizmente, fazemos parte de uma geração que não quer servir, mas somente ser servida!

Eu sei que o serviço não é mais importante do que estarmos com o Senhor e desfrutarmos da Sua

presença! Marta que o diga (Lc 10.41,42)!

Entretanto, vale ressaltarmos que, muito embora não substituindo o estarmos com Ele, o serviço ao Senhor ainda é uma maneira de expressarmos o nosso amor a Ele!

Você está engajado na obra do Senhor?

Não estou falando do *ministério* em tempo integral, mas do *cristianismo* em tempo integral!

Você procura ganhar almas para Cristo?

Você ajuda a cuidar delas de alguma forma?

Você participa de algum ministério em sua igreja?

Você procura servir, ainda que nas coisas aparentemente mais simples?

A Igreja jamais cumprirá a *Grande Comissão* se o Corpo não for mobilizado ao trabalho. A antiga idéia de um pequeno clero trabalhando em prol dos leigos precisa ser definitivamente banida! Jesus morreu para nos salvar e para nos transformar em ministros (sacerdotes):

“E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de receber o livro e de abrir os seus selos, porque foste

*morto e compraste para Deus com o teu sangue
homens de toda a tribo, e língua, e povo e nação, e
lhes fizeste para nosso Deus reino e sacerdotes, e
reinarão sobre a terra.”*

Apocalipse 5.9,10

Examine a sua própria vida e procure a sua expressão de amor na forma do seu serviço, do seu ministério. Se isto não estiver acontecendo, é preciso que haja uma mudança. Ou o seu amor por Jesus ainda não é tão intenso e precisa crescer, ou, apesar de todo o amor que você tem por Cristo, você ainda não sabe expressá-lo corretamente, servindo-O e trabalhando para Ele!

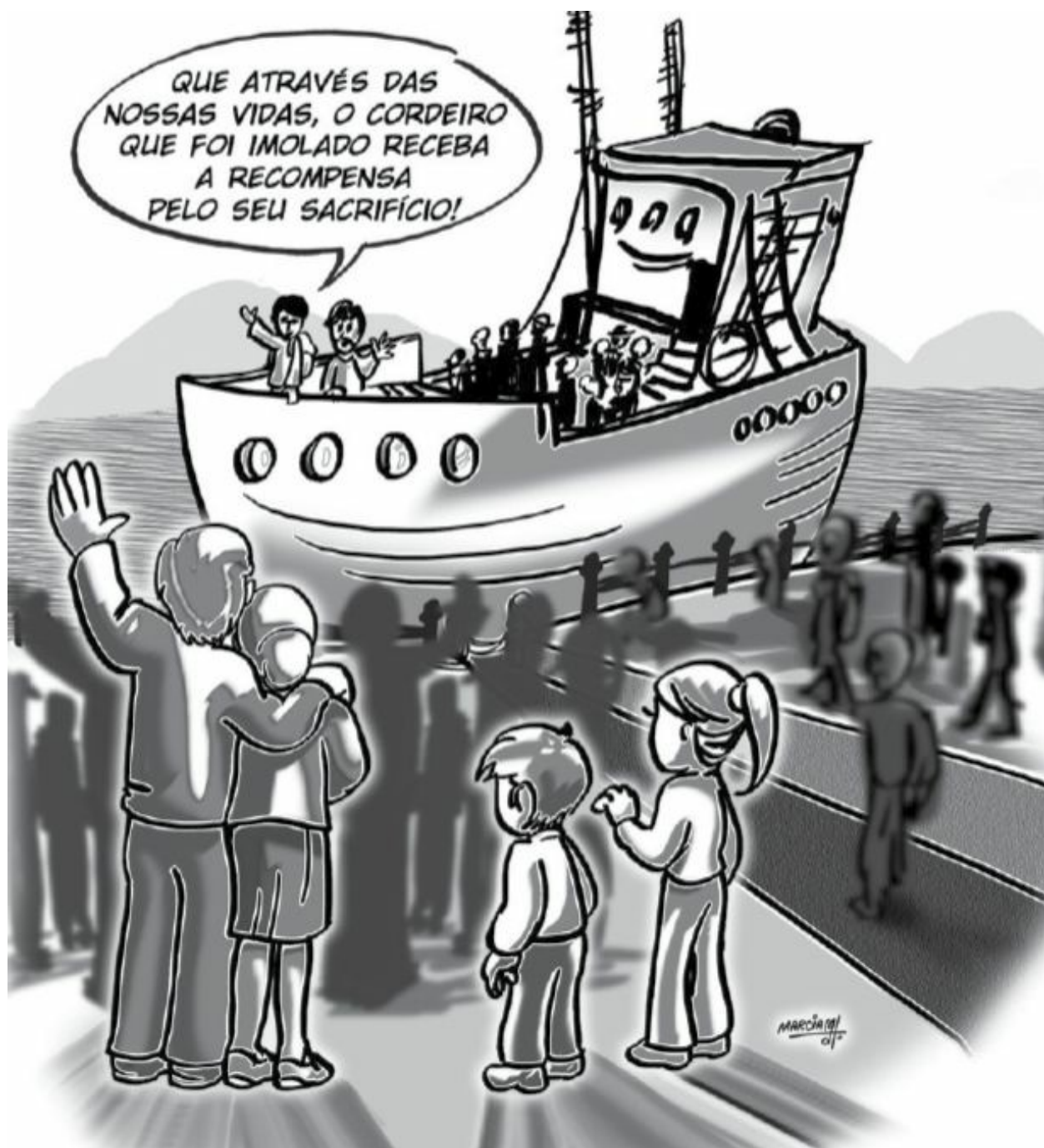
Capítulo 3

ESCRAVOS POR AMOR

**“Que através de nossas vidas o Cordeiro que foi imolado receba a recompensa pelo Seu sacrifício!”
(irmãos morávios)**

Dois jovens morávios souberam que numa ilha no leste da Índia havia três mil escravos pertencentes a um ateu britânico. Sem permissão de irem para lá como missionários, eles decidiram vender a si mesmos como escravos e usar o dinheiro para pagarem as passagens para a ilha. No dia da partida, as suas famílias e os seus amigos estavam reunidos no porto, sabendo que, após a sua partida, jamais os veriam novamente. Indagados sobre a razão que os levava a uma decisão tão extrema assim, eles permaneceram calados. No entanto, quando o barco estava se afastando, os dois rapazes gritaram: ***“Que através das nossas vidas o Cordeiro que foi imolado receba a recompensa pelo Seu sacrifício!”***

Para mim, este relato é profundamente comovente e inspirador. Ao mesmo tempo, no entanto, ele faz com que eu me sinta envergonhado. A história diz que os morávios enviaram milhares de missionários a várias partes do mundo. Eram pessoas que desistiam dos seus sonhos, que renunciavam o privilégio de viverem com as suas famílias e tantas outras coisas das quais a nossa geração se recusa a abrir mão! A chama missionária precisa ser reacendida na Igreja do Senhor Jesus em nossos dias! Estes morávios fizeram tanto para Deus, apesar de terem tão pouco. Em contrapartida, nós temos feito tão pouco, apesar de termos muito!



Mas o que diferencia estes irmãos da nossa geração atual? Eu não creio que eles nasceram de novo com algum tipo de “DNA espiritual” mais avançado. Também não creio que o chamado

divino tenha sido mais forte para eles do que para outros, pois Deus não faz acepção de pessoas. Além do fato de que os morávios oravam muito (eles chegaram a orar cem anos ininterruptamente – que é a receita divina para que haja mais obreiros para a Seara [Mt 9.38]), eu creio que estes irmãos morávios tinham uma mentalidade diferente, uma mentalidade de tanto amor e de entrega que eles se dispunham a viverem como escravos por amor a Cristo e à Sua causa.

Enquanto eu refletia sobre este episódio dos dois jovens morávios e as características deste povo (que marcou o seu tempo e a sua geração) eu percebi o quanto que a atitude deles está ligada a um princípio tremendo – de amor a Deus – revelado nas Escrituras: o princípio do *escravo por amor* (ou do *servo da orelha furada*). Observemos o que diz a Palavra de Deus:

“São estes os estatutos que lhes proporás: Se comprares um escravo hebreu, seis anos servirá; mas, ao sétimo, sairá forro, de graça. Se entrou solteiro, sozinho sairá; se era homem casado, com ele sairá sua mulher. Se o seu senhor lhe der mulher, e ela der à luz

filhos e filhas, a mulher e seus filhos serão do seu senhor, e ele sairá sozinho. Porém, se o escravo expressamente disser: Eu amo meu senhor, minha mulher e meus filhos, não quero sair forro. Então, o seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta ou à ombreira, e o seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e ele o servirá para sempre.”

Êxodo 21.1-6

Confesso que este texto me deixou confuso por muito tempo. Ver a escravidão presente na cultura dos povos antigos (tanto do Antigo como do Novo Testamento) é uma coisa; ver Deus regulamentando as leis da escravidão é outra bem diferente! Eu analisava este trecho bíblico e ficava receoso de que a escravidão, que graças a Deus é algo que não mais toleramos hoje, fosse algo respaldado pelo Senhor. Embora o propósito desta lei fosse impedir que a escravidão fosse praticada sem misericórdia, ainda assim a ideia de um homem servindo a outro era algo que me incomodava.

Entretanto, descobri que muitas coisas com as

quais o Senhor teve que lidar com o Seu povo não eram necessariamente a Sua vontade, como é o caso da poligamia – tolerada por muito tempo, mas depois proibida por Deus. Creio que é assim que devemos olhar para a questão da lei do *servo da orelha furada*.

Por que Deus estabeleceria uma lei como essa? Como isso deve falar ao nosso coração? Uma vez que a Lei não tem a imagem exata das coisas e sim a sombra de bens vindouros (Hb 10.1), devemos nos questionar: “Como devemos nos relacionar com esses trechos do Antigo Testamento? Paulo disse aos irmãos coríntios que o mandamento “*não atarás a boca ao boi que debulha*” (1 Co 9.9,10) foi dado pelo Senhor por causa de nós, e não por causa dos bois! Embora à primeira vista o assunto em questão pareça ser a alimentação dos bois apenas, a projeção de Deus para os dias da Nova Aliança, para os dias em que vivemos hoje, é outra: o sustento dos obreiros! Assim também é com a lei do *servo da orelha furada*. O Pai Celestial está indo muito além dos dias da Lei Mosaica e abordando algo importante sobre o nosso relacionamento com

Ele hoje.

Muitos não enxergam a verdade do senhorio de Jesus sobre as suas vidas. E até mesmo nós, os que a enxergamos, precisamos crescer no nível de entendimento deste nosso relacionamento com o Senhor. Ao mesmo tempo em que Ele é o nosso Pai Celestial e nós somos os Seus amados filhos e herdeiros, Deus também é o Senhor das nossas vidas e nós somos os Seus servos!

Lembrando, é claro, que a palavra “servo” significa “escravo”! Isto é exatamente o que somos como consequência da obra da redenção de Deus em nossas vidas.

ENTENDENDO A REDENÇÃO

A fim de podermos entender a visão do senhorio de Deus em nossas vidas, bem como a nossa condição de servos (escravos) Seus, é preciso que estabeleçamos antes um fundamento claro do que a Bíblia ensina sobre “redenção”.

Para muitos cristãos, a palavra “redenção” não significa nada mais do que “perdão dos pecados” ou

“salvação”. Mas o seu significado vai muito além disso. A palavra “redenção” significa “resgate” ou “remissão”. Ela significa “readquirir uma propriedade perdida”. Antes de Deus estabelecer algumas verdades no Novo Testamento, Ele determinou que elas fossem ilustradas no Antigo Testamento:

“Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.”

Hebreus 10.1 (TB)

A sombra é diferente da imagem real que a projeta. Assim também, as ordenanças da Antiga Aliança (práticas literais) tinham características semelhantes às dos princípios que Deus revelaria nos dias da Nova Aliança (práticas espirituais). A circuncisão deixou de ser literal e passou a ser uma experiência no coração (Rm 2.28,29). A serpente que Moisés levantou no deserto tornou-se uma figura da obra de Cristo na Cruz (Jo 3.14). Assim

também, outros detalhes da Lei que envolviam comida, bebida e dias de festa, começaram a ser vistos não como ordenanças literais, pelas quais quem não as praticasse poderia ser julgado, mas como uma revelação de princípios espirituais, cabíveis na Nova Aliança:

“Ninguém, portanto, vos julgue pelo comer, nem pelo beber, nem a respeito de um dia de festa, ou de lua nova ou de sábado, as quais coisas são sombras das vindouras, mas o corpo é de Cristo.”

Colossenses 2.16,17

É desta forma que precisamos olhar para a *lei da redenção* no Antigo Testamento. Durante anos Deus fez com que o povo praticasse uma encenação do que Ele mesmo um dia faria conosco. Foi assim com o sacrifício do cordeiro que os israelitas repetiam anualmente em várias cerimônias; por fim, vemos João Batista apontando para Jesus e dizendo: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* (Jo 1.29). Paulo se referiu a Jesus como o Cordeiro Pascal (1 Co 5.7). Vemos nestas passagens que as práticas repetidas por centenas e

centenas de anos tinham por objetivo fazer com que eles entendessem uma figura que somente seria revelada posteriormente. Com a Redenção não foi diferente. O Livro de Rute nos mostra Boaz resgatando (ou redimindo) as propriedades de Noemi. Ele estava readquirindo uma posse perdida.

Toda dívida tinha que ser paga. Se um indivíduo não tivesse recursos para honrar os seus compromissos, ele deveria dar os seus bens em pagamento. Se estes não fossem suficientes, ele também deveria entregar as suas terras. E, se elas ainda não bastassem para a quitação da dívida, o próprio indivíduo (e às vezes até a sua família) deveria ser dado como pagamento. Isto faria dele um escravo. Lemos em 2 Reis 4 que uma mulher viúva, que fora casada com um dos filhos dos profetas, perderia os seus filhos, pois seriam levados como escravos se ela não pagasse a sua dívida. E, quando isto acontecia com alguém, só havia duas formas de esta pessoa sair da condição de escravidão: ou alguém pagava a sua dívida (um redentor) ou ela esperava nesta condição até que chegasse o Ano do Jubileu (que se repetia a cada

cinquenta anos). Veja o que a Lei Mosaica dizia sobre isto:

“Se teu irmão empobrecer e vender alguma parte das suas possessões, então virá o seu resgatador, seu parente, e resgatará o que seu irmão vendeu. Se alguém não tiver resgatador, porém vier a tornar-se próspero e achar o bastante com que a remir, então contará os anos desde a sua venda, e o que ficar restituirá ao homem a quem vendeu, e tornará à sua possessão. Mas, se as suas posses não lhe permitirem reavê-la, então a que for vendida ficará na mão do comprador até ao Ano do Jubileu; porém, no Ano do Jubileu, sairá do poder deste, e aquele tornará à sua possessão.”

Levítico 25.25-28

A redenção era o pagamento da dívida feito por um parente próximo. Por meio do pagamento ele comprava de volta o que se perdera. Então a pessoa que fora escravizada deixava de pertencer a quem antes ela devia e a quem servia.

Por exemplo: se eu me endividasse a ponto de perder todas as minhas posses e ainda ser levado

como escravo, e, se o meu irmão me resgatasse, eu não deixaria de ser escravo! Eu apenas mudaria de amo! Eu agora passaria a ser escravo do meu irmão, porque ele me comprou! Qual é então o proveito disso? De que adianta ficarmos livres de um para nos tornarmos escravos de outro?

A diferença era que o novo dono era um parente que pagou essa dívida por amor (Um escravo normalmente não valia tanto.), e, justamente por causa do seu amor, ele trataria o escravo com brandura, com misericórdia.

O QUE CRISTO FEZ POR NÓS

Foi exatamente isto que Jesus fez por nós. Cristo nos comprou para Deus através da Sua morte na Cruz:

“... porque foste morto e com teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra.”

Apocalipse 5.9b,10

O homem tornou-se um escravo de Satanás

quando se rendeu ao pecado no Jardim do Éden. A Bíblia declara que aquele que é vencido em algo torna-se escravo de quem o vence (2 Pe 2.19), e foi exatamente isto que aconteceu com o primeiro casal. Eles foram separados da glória de Deus. Eles perderam a filiação divina. Adão foi chamado “filho de Deus” (Lc 3.38), mas esta condição não foi mantida. Quando Jesus veio ao mundo, Ele foi chamado de “*o Filho Único de Deus*” (Jo 3.16), mas Ele veio mudar esta condição e passou a ser o “*Primogênito entre muitos irmãos*” (Rm 8.29). O Diabo se assenhoreou do homem a da Terra, que havia sido dada ao homem (Sl 115.16), e ele afirmou isto para Jesus na tentação do deserto (Lc 4.6). Mas Jesus veio pagar a nossa dívida do pecado, e, ao fazê-lo, garantiu a nossa libertação das mãos de Satanás:

“Ele nos resgatou do poder das trevas e nos trasladou para o reino do seu Filho muito amado, no qual temos a nossa redenção, a remissão dos nossos pecados.”

Colossenses 1.13,14 (TB)

Observe o termo “resgatou”, que aparece quando o apóstolo está falando de sermos tirados do Reino das Trevas e de sermos levados para o Reino do Filho de Deus. Em seguida ele afirma o seguinte: “*no qual temos a nossa “redenção”!* A Redenção foi o ato de compra, do pagamento da dívida do pecado:

“Tendo cancelado o escrito de dívida que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o inteiramente, cravando-o na cruz; e tendo despojado os principados e potestades, os exibiu abertamente, triunfando deles na mesma cruz.”

Colossenses 2.14,15 (TB)

O Texto Sagrado revela que Jesus despojou os príncipes malignos. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, “*despojar*” significa “*privar da posse; espoliar, desapossar*”. Isto faz com que questionemos o quê, exatamente, Jesus tirou destes principados malignos. O que eles possuíam que pudesse interessá-Lo? Nada, a não ser o senhorio sobre as nossas vidas! O despojo somos nós, que fomos comprados por Ele para Deus e a partir de

então passamos a ser propriedade de Deus. É exatamente assim que as Escrituras se referem a nós. Somos chamados de propriedade de Deus:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”

1 Pedro 2.9

Repetidas vezes encontraremos a ênfase de que Cristo nos comprou para Si. E o preço foi o Seu próprio sangue!

“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.”

1 Pedro 1.18,19

Portanto, quando Jesus nos comprou, Ele nos livrou da escravidão do Diabo, mas nos fez escravos de Deus! Coisa alguma que possuímos é, de fato, nossa exclusivamente. Nem as nossas próprias

vidas pertencem a nós mesmos! Somos propriedade de Deus. Ele é o nosso Dono. Consequentemente, tudo o que nos pertence na realidade pertence a Ele!

Referindo-se ao Espírito Santo em nós, Paulo O chamou de *“o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus”* (Ef 1.14 – ARC). Observe que o termo “redenção” aparece associado aos termos “herança” e “possessão”, pois é disto que o Princípio de Redenção sempre trata: o resgate da propriedade! O que aconteceu foi que passamos por uma troca de “dono”. Agora pertencemos ao Senhor!

ESCRAVOS DE CRISTO

Vamos observar mais uma vez o texto que fala do *escravo por amor*:

“São estes os estatutos que lhes proporás: Se comprares um escravo hebreu, seis anos servirá; mas, ao sétimo, sairá forro, de graça. Se entrou solteiro,

*sozinho sairá; se era homem casado, com ele sairá sua mulher. Se o seu senhor lhe der mulher, e ela der à luz filhos e filhas, a mulher e seus filhos serão do seu senhor, e ele sairá sozinho. Porém, se o escravo expressamente disser: **Eu amo meu senhor**, minha mulher e meus filhos, não quero sair forro. Então, o seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta ou à ombreira, e o seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e ele o servirá para sempre.”*

Êxodo 21.1-6

A partir do entendimento de redenção fica mais fácil entendermos a nossa posição de servos, de escravos do Senhor. Contudo, textos como este nos ajudam a entendermos melhor estas verdades espirituais. O *servo da orelha furada* era conhecido na sociedade dos seus dias como alguém que era escravo por decisão própria. Onde quer que ele fosse, aquela orelha furada atrairia a atenção dos outros! No momento em que eu estou escrevendo este capítulo, eu estou na cidade de Arusha, na Tanzânia, numa base de missionários que trabalham entre o povo massai. Nas reuniões que temos feito aqui vemos muitos homens de orelha

furada, fruto de um alargador que já não usam mais em suas orelhas. Eu diria que é praticamente impossível não reparar no furo que há em suas orelhas! E isto me fez pensar no servo que, por amor, furava a sua orelha numa atitude de entrega permanente. Em qualquer lugar em que ele chegasse, as pessoas saberiam imediatamente que ele era um escravo que decidiu ser escravo quando não tinha a obrigação de ser escravo. Eu acho tremendo o paralelo espiritual que encontramos nesta história!

A verdade é que, ainda que por direito de compra (pela Redenção) o Senhor seja o nosso proprietário, Ele não impõe o Seu senhorio sobre as nossas vidas. Todos fomos libertos por Cristo da escravidão (Gl 4.7), mas podemos assumir voluntariamente esta posição ***por amor*** (E de fato é isto que Deus espera de nós!). Quase todas as vezes que a palavra “escravo” (ou “servo”, seu sinônimo) aparece no Novo Testamento é a tradução da palavra grega “*doulos*”, que significa “*escravo, servo, homem de condição servil, atendente*”. Somos chamados pelas Sagradas Escrituras de “*escravos de*

Cristo”:

“Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo.”

1 Coríntios 7.22

Escravos de Cristo! É o que somos! Todas as vezes que os apóstolos se chamavam de “*servos do Senhor*” (bem como a outros) é este o conceito que eles estavam comunicando.

Vamos pensar um pouco a respeito do *servo da orelha furada*. Durante seis anos ele serviu a seu senhor, sabendo que no sétimo ano estaria livre. Eu fico pensando que eu, nas mesmas condições, já estaria contando os dias para celebrar a minha liberdade com uma grande festa! É o tipo de pensamento mais natural que podemos ter. O que é incomum é a ideia de desejarmos ser escravos sem que isto seja obrigado. Que conceito é este, abordado por Deus, de nos tornarmos *escravos por amor*?

Eu creio que isto é uma projeção simbólica do nosso relacionamento com Deus. A Palavra de

Deus declara: “*Tudo quanto foi escrito, para nosso ensino foi escrito*” (Rm 15.4). O Senhor Jesus conquistou o direito legal de ser o nosso Dono, Amo e Senhor. Contudo, Ele prefere não usar deste direito como um conquistador de nossas vidas. Cristo prefere que, quando a liberdade nos é oferecida, nós escolhamos servi-Lo. O *servo da orelha furada* não permaneceria com o seu senhor por **obrigação**, e sim por **amor**, pois, diferentemente de Satanás, que oprime os seus escravos, Deus ama e respeita profundamente os que O servem!

A única razão para alguém permanecer escravo depois dos seis anos de servidão seria fazer isto por amor. O texto bíblico diz: “*Porém, se o escravo expressamente disser: **Eu amo meu senhor**, minha mulher e meus filhos, não quero sair forro.*” Note que ainda que o fato de ele ter família (mulher e filhos, que não poderiam acompanhar o servo ao ser liberto) seja mencionado, a expressão “*eu amo meu senhor*” é o que vinha em primeiro lugar. A decisão partia de um sentimento que, acima de tudo, envolvia o senhor daquele servo.

Se aquele senhor oprimisse duramente ao seu escravo naqueles seis anos, é lógico que ele não desejaria continuar a seu serviço quando chegasse o tempo da sua liberdade. Mas vemos na Bíblia que alguns senhores tratavam os seus servos com muito respeito e dignidade. Veja, por exemplo, o caso de Abraão, o qual, antes de Isaque nascer, havia feito o seu servo Eliézer o seu herdeiro. Até mesmo na hora de buscar uma esposa para Isaque, Abraão fez com que o seu servo jurasse que não traria uma mulher que não fosse da parentela do seu senhor. Se Abraão o tratasse apenas como escravo, ele simplesmente teria dado uma ordem. Ao pedir um juramento, o Pai da Fé o tratou de forma diferenciada!

O padrão de sermos *escravos por amor* se estende à Nova Aliança e é encontrado no ensino dos apóstolos. Observe o que Paulo declarou sobre isto:

“Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda por amor de Cristo; sim, na verdade, tenho também como perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e

as considero como refugio, para que possa ganhar a Cristo.”

Filipenses 3.7,8

Ele também nos mostrou que a nossa atitude de entrega a Deus também é baseada unicamente no amor:

“Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.”

Romanos 8.36

Quando o senhor foi bondoso e generoso com o seu servo durante aqueles seis anos, e o escravo “estava bem” neste relacionamento, então era natural que ele quisesse permanecer como escravo. A decisão de ser escravo para sempre tornava-se compreensível quando o servo sabia que o seu padrão de vida como servo do seu senhor era muito superior ao que ele tinha quando livre.

“Mas se ele te disser: Não sairei de junto de ti; porquanto te ama a ti e a tua casa, por estar bem contigo; então tomarás uma sovelá, e lhe furarás a

orelha contra a porta, e ele será teu servo para sempre; e também assim farás à tua serva.”

Deuteronômio 15.16,17

O texto diz que a decisão de ele permanecer escravo era devida ao amor. Mas o que gera esta resposta de amor? O versículo acima usa a expressão “*por estar bem contigo*”. Qualquer bondade que o servo manifestasse para com o seu senhor não era mais do que obrigação. Por outro lado, o senhor não tinha nenhuma obrigação de tratar bem o seu servo, mas, quando assim o fazia, ele conquistava o coração do seu escravo.

Semelhantemente, o que nos leva a amarmos ao Senhor Jesus? É o entendimento do Seu amor por nós. Quando entendemos o quanto Ele nos ama, somos constrangidos a uma resposta de amor:

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.”

2 Coríntios 5.14,15

Falarei mais sobre isso no Capítulo “Dívida de Gratidão”, mas cabe aqui lembrarmos-nos de que “nós O amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19). O servo da orelha furada decidia pela escravidão vitalícia como um ato de amor. E isto o levava a fazer duas coisas:

1. renunciar a sua liberdade;
2. viver para obedecer a seu senhor.

Vejamos como estes princípios estão relacionados com a caminhada cristã hoje.

RENUNCIANDO A SUA LIBERDADE

A primeira coisa que o *escravo por amor* fazia era renunciar a liberdade a que tinha direito e decidir, por sua vontade própria, permanecer na servidão.

A nossa experiência com Cristo inclui, além do perdão dos nossos pecados e da nossa salvação eterna, o fato de abirmos mão do controle das

nossas vidas e a nossa rendição ao senhorio d'Ele:

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.”

Romanos 10.9,10

O entendimento do senhorio de Cristo tem sido roubado da atual geração de crentes. Pregamos que as pessoas precisam aceitar a Jesus como seu Salvador. Mas o ensino bíblico vai muito além disso! Temos que confessar a Jesus como nosso SENHOR! A consequência de nos rendermos ao Seu senhorio é a salvação. A Palavra de Deus diz que nós temos que confessá-Lo como Senhor (Dono, Amo) das nossas vidas. Este é o reconhecimento da Redenção: que Ele nos comprou e que somos propriedade Sua. Somos Seus servos.

Caminharmos com Cristo significa desistirmos de sermos donos da nossa própria vida e entregarmos o controle absoluto a Deus.

Atualmente, muitas pessoas estão tentando adaptar o Evangelho às suas vidas, mas isto é impossível! As nossas vidas é que devem se ajustar ao Reino de Deus e aos Seus princípios! Entrar no Reino é algo mais profundo do que o que temos percebido. Envolve a entrega total, irrestrita, das nossas vidas.

Para entendermos melhor esta profunda dimensão de entrega, eu gostaria de fazer uma pergunta importante e analisar biblicamente a sua resposta. Tanto a pergunta como a resposta envolvem verdades que deveríamos entender melhor e pregar aos outros.

“Quanto custa o Reino de Deus?”

“Tudo o que você tem!”

Veja o que Jesus ensinou sobre isso:

“O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra.”

Observe as palavras: *“O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo... vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.”* Nós sabemos que a salvação não pode ser comprada por ninguém. Na verdade, foi Deus que, através da morte de Jesus Cristo na Cruz, nos comprou! Mas, o fato de reconhecermos o ato divino de redenção, de resgate das nossas vidas, significa reconhecermos o Seu direito de compra. E o reconhecimento de que Ele agora é o Dono começa pela nossa desistência de tentarmos ser donos de nós mesmos! O fato de abrirmos mão de tudo o que somos e temos é o reconhecimento de que, agora, Jesus é o nosso Amo e Senhor!

Servirmos a Cristo implica, necessariamente, em desistirmos de tudo o que somos e temos para vivermos de forma intensa e devotada para Ele! É isto o que o apóstolo Paulo declara:

“Mas o que, para mim, era lucro, isto considereei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do

conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo.”

Filipenses 3.7,8

Atente para esta frase: “*por amor do qual perdi todas as coisas*”. É claro que o apóstolo não está reclamando pelo fato de que estas coisas foram arrancadas dele. Ele está dizendo que perdeu tudo ***por amor***; em outras palavras, ele desistiu, ***abriu mão*** de tudo por causa de Jesus!

A consciência do senhorio de Cristo se encarregará de nos levar a deixarmos de viver para nós mesmos e de fazer com que passemos a viver para Ele:

“Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus.”

Atos 20.24

Não somos mais senhores de nós mesmos. Não estamos mais no controle das nossas vidas.

Precisamos aprender a viver para cumprirmos a vontade de Deus, e não para os nossos próprios planos e desejos:

“Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.”

Tiago 4.13-15

Ser *escravo por amor* significa renunciar a própria liberdade e viver para cumprir a vontade do nosso Senhor e Salvador!

MAIS QUE ADORAÇÃO, OBEDIÊNCIA!

Eu comentei, na introdução deste livro, que em fevereiro de 2002 o Senhor me levou a liberar uma palavra profética ao Pastor Cris Batiston, conhecido ministro de louvor e adoração no Brasil, dizendo-lhe o seguinte: “O Senhor não o levantou somente

para ensinar o Seu povo a *adorar*, mas principalmente para ensiná-lo a *amar* ao Senhor Jesus!”

Desde essa ocasião, esta frase me deixou muito pensativo, pois eu sempre acreditei que a adoração fosse uma tremenda expressão do nosso amor a Deus. No entanto, o fato é que nem sempre a adoração de alguém é uma expressão de amor. Todo aquele que ama a Deus certamente O adorará, mas nem todo aquele que adora a Deus necessariamente O ama ou expressa amor a Ele por meio da adoração!

Muitos têm declarado, de forma equivocada, que a maior expressão de amor que podemos dar a Deus é através da adoração, mas isso não é verdade. Por mais preciosa e poderosa que a adoração possa ser, há algo que Deus espera mais de nós do que a adoração: é a obediência!

Quando analisamos a figura bíblica do *servo da orelha furada*, vemos que o seu ato de amor, além de levá-lo a renunciar a sua liberdade, o introduzia numa condição de plena obediência ao seu senhor. Esta é uma das características mais fortes que

encontramos neste *escravo por amor*. Um servo deve obediência ao seu senhor. O próprio Jesus declarou que Ele esperava isso de nós (como algo lógico): *“Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?”* (Lc 6.46). Deus espera de nós mais do que um culto de lábios! Ele quer a nossa obediência:

“Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.”

Marcos 7.6,7

Observe o que a Palavra de Deus nos revela sobre isto no Livro dos Salmos:

“Sacrifícios e ofertas não quiseste; abriste os meus ouvidos; holocaustos e ofertas pelo pecado não requeres. Então, eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração,

está a tua lei.”

Salmos 40.6-8

Mais do que sacrifícios (que eram a maior expressão de adoração no Antigo Testamento), Deus estava interessado em que alguém fizesse a Sua vontade, guardando a Sua Lei – e isto fala de obediência.

Uma nota de rodapé da NVI (Nova Versão Internacional), referente a Salmos 40.6, comenta que há uma outra possibilidade de tradução para “abriste os meus ouvidos”. A Versão Corrigida de Almeida (ARC) traduziu desta maneira: “as minhas orelhas furaste” – expressão que, ao meu ver, é uma clara referência ao servo da orelha furada, o escravo por amor que passava a viver para obedecer a seu senhor.

Cabe muito bem citarmos aqui as palavras de Agostinho: “Agrada mais a Deus a imolação que fazemos da nossa vontade, sujeitando-a à obediência, do que todos os outros sacrifícios que possamos Lhe oferecer.” Preparei, mais adiante, um capítulo inteiro para falar da obediência como

expressão de amor a Deus. Aqui, no entanto, eu quero apenas destacar a obediência como algo ainda mais elevado do que a própria adoração.

Vimos que a Palavra de Deus revela, de forma clara, que Deus não quer adoração sem obediência. Agora eu gostaria de mostrar que o Pai Celestial não está apenas interessado em que a obediência acompanhe a adoração. O anseio do Criador é mais forte pela obediência do que pela adoração em si! Por isso as Escrituras declaram que obedecer é melhor do que sacrificar:

“Porém Samuel disse: Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.”

1 Samuel 15.22,23

Mais do que adoração, Deus quer obediência!

Observe o protesto divino, através do profeta Jeremias, a uma geração que preservava o ritual de adoração sem ter um coração de submissão ao seu Senhor:

“Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem. Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante. Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito até hoje, enviei-vos todos os meus servos, os profetas, todos os dias; começando de madrugada, eu os enviei. Mas não me destes ouvidos, nem me atendestes; endurecestes a cerviz e fizestes pior do que vossos pais. Dir-lhes-ás, pois, todas estas palavras, mas não te darão ouvidos; chamá-los-ás, mas não te responderão.”

Jeremias 7.22-27

No Monte Sinai, o que Deus pediu ao Seu povo foi obediência, e não adoração! Lembro-me do dia em que eu enxerguei a verdade deste texto bíblico. Eu nunca havia reparado nesta afirmação do profeta, até mesmo depois de lê-la várias vezes. Precisei voltar na leitura de Êxodo e “conferir” o que eu nunca percebera antes:

“Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel. Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o Senhor lhe havia ordenado. Então, o povo respondeu a uma voz: Tudo o que o Senhor falou faremos. E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo.”

Êxodo 19.3-8

O que Deus sempre quis foi a obediência como característica principal de um povo exclusivamente Seu: “... *se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos.*” Vimos no capítulo anterior que **o maior mandamento** que nos foi dado é o de amarmos ao Senhor.

E agora eu gostaria de estabelecer um outro fundamento: ao praticarmos o maior mandamento – que é o de amarmos a Deus de todo o coração – a maior expressão deste amor que podemos oferecer **é a entrega das nossas vidas e uma vida de completa submissão e obediência!** Estas são as “marcas” de um *escravo por amor*: renunciar a sua liberdade e viver para obedecer ao seu Senhor!

Capítulo 4

DÍVIDA DE GRATIDÃO

“Nós O amamos por nenhuma outra razão, a não ser que Ele nos amou primeiro. O nosso amor por Ele é a pura consequência do Seu amor por nós.”

(Charles Spurgeon)

Em 1993 eu vivi uma experiência marcante em Itajaí, no Estado de Santa Catarina. Eu estava na praia com um grupo de irmãos, depois de pregar num encontro de igrejas, e eu ouvi alguém gritando por ajuda. O pedido de socorro vinha de um lugar de onde havíamos acabado de sair, por conselho de um morador local que nos acompanhava. Ele nos orientou que, com a maré do jeito que estava (com a praia estando inclusive sinalizada com bandeiras vermelhas indicando o perigo), em pouco tempo teríamos dificuldades para sairmos de lá. Portanto, prontamente o ouvimos e fomos a um local mais raso e mais seguro. Ao ouvir os gritos do rapaz que estava em apuros, nadei em sua direção, para

ajudá-lo a sair da água, enquanto os outros irmãos foram chamar os salva-vidas. Com muito esforço eu consegui trazê-lo até a metade do caminho. Foi o suficiente para que os bombeiros tivessem o tempo de entrarem na água e tirarem a ele e a mim, pois eu também já me encontrava completamente exausto!

Lembro-me que, ao sair do mar e conseguir chegar até a praia, eu tive que me deitar para recobrar o fôlego e as forças. Enquanto eu ainda estava deitado na areia, os amigos daquele rapaz que eu ajudei a salvar o trouxeram carregado (ele também não tinha forças para andar) e o colocaram na minha frente, dizendo:

“Agradece à pessoa que te salvou!”

Eles ficaram tão tocados com o fato de termos salvado o seu amigo que não aceitavam a idéia de que ele não havia agradecido ainda, mesmo que ele, assim como eu, mal conseguisse colocar-se em pé! O que aconteceu nesta ocasião é o tipo de coisa que eu denomino “*dívida de gratidão*”. Assim sendo, aproveitei para pedir-lhe algo em sinal de gratidão a Deus (que foi de fato quem poupou a vida dele):

que ele fosse a uma igreja evangélica e entregasse o seu coração ao Senhor Jesus Cristo!



A maioria de nós carrega no coração um sentimento especial por pessoas que nos ajudaram em momentos de necessidade ou que serviram de apoio e suporte em horas difíceis. Recordar o que fizeram por nós dispõe o nosso coração a desejar retribuir e fazer algo em troca.

Quando falamos de amor ao Senhor na dimensão

que Ele quer é natural o desejo de crescermos e amadurecermos neste amor. Assim que eu comecei a entender a importância desta manifestação mais intensa de amor, eu também comecei a procurar meios de fazer com que o meu amor aumentasse.

Jesus nos falou sobre o que leva as pessoas a amarem mais, ou menos, e fez uma relação disso com a compreensão do Seu perdão estendido a cada um de nós. Assim sendo, eu afirmo que a compreensão da dimensão do que o Senhor fez por nós nos leva a uma manifestação maior de amor para com Ele. Por outro lado, uma compreensão limitada do que Ele fez por nós nos prende a uma manifestação igualmente limitada de amor e gratidão. Foi neste contexto que Deus fez com que eu compreendesse o texto a seguir, como também o poderoso princípio nele embutido: ***a dívida de gratidão!***

“E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e

beijava-lhe os pés e os ungia com o unguento. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si:

Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.”

Lucas 7.37-50

CONTRASTES

Temos nesta história duas personagens bem distintas. De um lado, representando a dedicação à religião, temos um fariseu, um membro da mais rígida casta religiosa dos judeus. Do outro lado, como expressão da distância de Deus aos olhos dos homens, temos uma mulher chamada de “*pecadora*”, provavelmente uma prostituta. Os contrastes não param aí. Simão era o dono da casa, o anfitrião da festa, e tinha todo direito de estar lá. A mulher, no entanto, causou indignação nos presentes por causa do que era, e certamente apareceu por lá sem ter sido convidada. Simão agiu da forma mais polida e discreta possível, mas aquela mulher pecadora foi um escândalo diante das pessoas presentes.

Aos olhos daquelas pessoas, a grande diferença

entre ambos era definida pelo *pecado* que se via (ou não) em suas vidas. Resumindo-se, as diferenças eram definidas pela *aparência*. Aos olhos de Jesus, os contrastes continuavam, mas, pela Sua explicação, percebemos que os papéis de “*herói*” e “*vilão*” se invertiam. O Senhor disse que esperava ter recebido um ósculo de Simão, mas ele não fez isto. Esta prática era um sinal de respeito, e Simão o negligenciou. Não sabemos a razão, mas ele não fez o que Jesus esperava. Contudo, a mulher desconhecida não cessava de beijar os Seus pés. Simão não lavou os pés de Jesus e nem mandou que um dos seus servos o fizesse, mas a pecadora os regou com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Simão não ungiu a Jesus com óleo, mas a mulher usou um perfume caríssimo para executar tal tarefa. Simão não se via como um pecador necessitado da graça e do perdão de Deus, mas a mulher sim!

Aos olhos de Jesus, a grande diferença entre ambos era definida pelo *amor e gratidão* que se via (no caso da mulher) ou não (no caso do fariseu) em suas vidas. E a diferença vista por Jesus – que não

se baseava na aparência – anulava completamente a diferença percebida pelos homens, uma vez que as acusações de pecado que poderiam fazer contra aquela mulher foram completamente removidas pelo perdão de Deus que foi estendido a ela.

A QUEM MUITO SE PERDOA

É natural, como já afirmamos, esperar-se que uma pessoa se sinta em dívida com uma outra que lhe ofereceu uma grande ajuda. Todos nós sabemos o que é isto, de uma maneira ou de outra. Como pastor, eu sigo a ética pastoral convencional de nunca ser fiador de ninguém, pois a reputação do ministério pode ser facilmente destruída pelo erro de alguém que possa usar o meu nome indevidamente, sem que eu possa fazer nada a respeito. No entanto, recordo-me de uma vez em que avalizei um irmão em Cristo muito querido para mim. O valor era muito alto para a minha

condição financeira, e, se ele tivesse problemas com o pagamento da sua dívida, eu poderia até mesmo perder a minha casa. Ainda assim, eu e a minha esposa fizemos por ele o que não faríamos por quase ninguém, por uma única razão: ***dívida de gratidão!*** Todas as vezes que eu precisei de um aval ou de qualquer tipo de ajuda, ele era o primeiro a oferecer-se. Ele sempre se importou comigo e foi uma grande bênção para mim. Assim sendo, com a anuência da minha esposa, tomei a decisão de avalizá-lo, mesmo que isto pudesse nos custar a casa que possuíamos!

A maioria de nós sabemos, por experiência própria, o que é sermos ajudados pelas pessoas a ponto de carregarmos no coração uma grande gratidão pelo que recebemos delas.

Este princípio é algo natural, que se manifesta na vida de qualquer um que tenha consciência, quer seja um crente ou um incrédulo. E o Senhor Jesus Cristo o aplicou a nós. Ele disse que quando entendemos o Seu perdão e a dimensão dos pecados que Ele removeu das nossas vidas, ficamos naturalmente gratos e O amamos mais. Ele falou

sobre dois devedores, com dívidas distintas e que foram perdoados. No entanto, um deles devia dez vezes mais do que o outro, e ficou mais agradecido. E, em Seu ensino, Jesus revela que a gratidão não está ligada meramente ao perdão da dívida, e sim à consciência da dimensão (do tamanho) do perdão. Isto fica muito claro em Sua afirmação àquela mulher: *“Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.”*

REMOVENDO O ENGANO

Hoje, este trecho das Escrituras abençoa muito o meu coração e faz com que eu cresça na expressão do meu amor a Deus, mas nem sempre foi assim! Este mesmo texto já trouxe muitas dúvidas e conflitos ao meu coração!

Eu tive o grande privilégio de nascer num lar genuinamente cristão. O meu primeiro presente foi

uma Bíblia. Desde cedo fui ensinado, tanto em casa como na igreja, a seguir os princípios da Palavra, e eu decidi segui-los. Não cresci me achando santo ou perfeito, mas me afastei de tudo o que, aos meus olhos, eu considerava ofensivo a Deus. Nunca fiquei embriagado ou drogado, nunca traí ninguém, nem em amizades ou namoro, nunca roubei, e sempre fugi da prostituição. Eu me considerava alguém separado para Deus, mas, cada vez que eu lia esta passagem bíblica, eu entrava num conflito interior.

Por muitas vezes o Diabo sugeriu que eu jamais entenderia o amor e o perdão de Deus sem pecar. Eu me flagrava pensando que eu nunca amaria ao Senhor como os “*ex-malucos*” que víamos se convertendo. De fato eu tenho visto muitos que saíram do mais profundo abismo de drogas, alcoolismo, prostituição, magia, e de tudo o que degrada o ser humano. Eles, como Jesus disse, carregam uma profunda consciência do perdão de Deus e caminham na consciência da dívida de gratidão que possuem para com Ele.

Contudo, o Maligno me levava a pensar que,

semelhantemente a Simão, que foi criado segundo a verdade da Palavra de Deus e a seguiu, eu nunca valorizaria a obra de Cristo em minha vida! É evidente que, com tais pensamentos, Satanás não queria me ensinar a amar mais profundamente a Deus. Eu sabia que o que ele de fato queria era desviar-me do Senhor, e eu nunca lhe dei ouvidos, mas eu não conseguia ter o entendimento do ensino de Jesus. Enganado, passei a considerar que o que antes me parecia ser um privilégio poderia ser um impedimento para que eu pudesse verdadeiramente amar ao Senhor. Mais tarde, descobri que este dilema não era somente meu. Até hoje, quando ensino sobre isto, muitos crentes que nasceram e cresceram no Evangelho me confidenciam que tinham o mesmo questionamento.

Satanás tenta promover o engano por meio da distorção dos princípios bíblicos. Vemos isto claramente na tentação de Jesus no deserto. O Inimigo tentou distorcer a aplicação do Salmo 91, no que dizia respeito à proteção dos anjos. Eu lutei contra estas setas de engano no que diz respeito à

afirmação de Jesus de que quem muito é perdoado muito ama. Eu sabia que a Palavra de Deus é perfeita e nunca erra. Eu sabia também que eu não poderia desviar-me. Assim sendo, comecei a achar que este princípio era um pouco injusto, pois, na limitação do meu entendimento, eu achava que eu estava sendo impedido de amar profundamente ao Senhor e que Ele havia privilegiado os rebeldes e desobedientes, ao invés dos que tentam honrá-Lo por meio da obediência! Um dia, finalmente, Deus me respondeu e removeu o engano que oprimia o meu coração!

O QUE SIGNIFICA “MUITOS PECADOS”?

Deus fez com que eu visse e compreendesse um princípio em Sua Palavra: Jesus reconheceu que aquela mulher havia sido perdoada dos seus “*muitos pecados*”, e isso me levava a crer que Cristo concordava com o fato de que ela era mais pecadora do que Simão, pois Ele mesmo falou sobre dois devedores com dívidas diferentes. Tiago, no entanto, mostrou-nos em sua epístola um princípio normalmente pouco entendido pelos

crentes:

“Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei.”

Tiago 2.10,11

Quem tropeça num só ponto da Lei tropeça em todos. Aos olhos de Deus, todo tipo de pecado é pecado. Todos eles produzem separação entre nós e Deus (Is 59.1,2). É lógico que as consequências são diferentes, mas, para efeito de separação de Deus e necessidade de perdão, todos os pecados são iguais! Observe o que Cristo ensinou:

“Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.”

Mateus 5.27,28

O Senhor Jesus afirma que a cobiça dos olhos nos faz tão imorais quanto os que julgamos adúlteros. Contudo, não podemos pressupor que, se

porventura tivermos pecado com os olhos, não haverá razão para interrompermos este processo antes de se tornar um adultério com envolvimento físico. Os dois “tipos” de adultério são pecado, mas as consequências de cada um são diferentes. Contudo, no que tange à contaminação do homem e à sua separação de Deus, os dois “tipos” de pecado produzem o mesmo efeito!

Ao escrever aos romanos, mostrando que não havia distinção entre judeus e gentios, Paulo declarou que, independentemente do quanto conheciam a Lei, todos se encontravam numa mesma condição:

“Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.”

Romanos 3.9-12

A Escritura Sagrada encerrou a todos os homens,

independentemente do que cada um tenha feito, sob a mesma condenação do pecado:

“Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.”

Romanos 3.19,20

Eu creio que a razão pela qual Deus lidou com essas coisas dessa maneira é uma só, e Paulo fala sobre isso: *“a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus”* (1 Co 1.29). Nenhum de nós pode orgulhar-se de nada. Ninguém pode discutir sobre quem é mais pecador ou sobre quem merece a atenção e a justificação de Deus. Jesus também ensinou o seguinte sobre isto:

“Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou

porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.”

Lucas 18.9-14

Diante de tudo isto que Jesus declarou sobre o pecado, como também sobre a forma de os homens verem a si mesmos e à sua própria condição miserável diante de Deus, comecei a entender que Ele não poderia ter afirmado que Simão, o fariseu, era menos pecador do que aquela mulher. Na verdade, aparentemente Ele chegou a afirmar o contrário em outros momentos do Seu ensino:

“E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a

mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele.”

Mateus 21.28-32

Cristo ensinou sobre o mantermos as aparências e sobre a verdadeira obediência. Ele mostrou que, assim como para aquele pai não interessava o fato de a resposta inicial ser agradável ou não, e sim o que os filhos fizessem depois, assim também é no Reino de Deus. Alguns dizem “*sim*” depressa, mas tornam-se religiosos e posteriormente não demonstram uma obediência permanente, vindo a pecar com uma aparência de obediência. Outros, por outro lado, demoram a dizer “*sim*”. No início somente dizem “*não*” e se rebelam, mas depois demonstram que possuem a capacidade de se arrependerem e mudarem o seu posicionamento no

sentido de obedecerem ao pai.

A declaração de Jesus foi muito forte! Ele disse que publicanos e prostitutas entrariam antes dos fariseus no Reino de Deus. Este contraste também é aplicável no caso de Simão e da mulher pecadora. Portanto, concluimos que o Senhor Jesus não estava comparando a “*ficha corrida*” de cada um, nem Se referindo ao volume de pecados que cada um tinha aos olhos de Deus. A chave do entendimento deste texto é sabermos que, ao falar de dívida maior e menor, de muitos e poucos pecados, Cristo está, na verdade, falando da forma como cada um vê a si mesmo, da capacidade de enxergarmos muito ou pouco dos nossos próprios pecados!

E esta não foi a única vez que Jesus agiu assim ao falar sobre o pecado e a nossa necessidade de Deus. Outra afirmação de Cristo confirma a diferença que há, especialmente neste contexto dos diferentes pecados dos fariseus e dos publicanos:

“Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não precisam de médico, e sim os

doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento.”

Lucas 5.30-32

Jesus chamou os pecadores de doentes e disse que eles precisavam de um médico (um “salvador”). Contudo, Ele chamou os fariseus de sãos e disse que eles não precisavam de um médico (um “salvador”). A “doença” aqui é o pecado, e o “médico” é Jesus, na condição de Salvador.

Porém, ao chamar os fariseus de sãos, o Senhor Jesus não quis dizer que eles estavam sem pecado, pois todos os homens são pecadores. Jesus Se referia à maneira pela qual eles se viam aos seus próprios olhos!

Esta é a chave para entendermos o que o Senhor ensinou sobre “devermos muito ou devermos pouco”. Na verdade, isto não se refere à maneira como Deus nos vê, e sim à maneira como nós mesmos nos vemos! Não interessa o quanto pecamos e erramos em nossas vidas, e sim o quanto conseguimos enxergar das nossas próprias faltas e nos arrependermos!

OLHANDO PARA A VIDA DE PAULO

A prova disto pode ser vista na vida de Paulo. Ele também foi alguém que cresceu “*certinho*”, sem cometer grandes ofensas contra Deus:

“Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.”

Filipenses 3.4-6

Ele declarou de forma enfática que, segundo a justiça que há na Lei Mosaica, ele viveu de forma irrepreensível. Portanto podemos dizer que ele se encontrava numa condição semelhante à minha de talvez pensar que jamais chegaria a amar tanto ao Senhor, pelo fato de não ter sido perdoado por Deus de uma dívida de pecado muito grande! No entanto, Paulo nunca agiu nem pensou desta maneira!

Podemos vê-lo demonstrando um grande amor pelo Senhor, não apenas pelo que fez (ele foi o

apóstolo que mais trabalhou para Deus), mas também pelo que falou e ensinou à Igreja:

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.”

2 Coríntios 5.14,15

Com base na afirmação de Jesus, que abordamos desde o início deste estudo, de que quem muito é perdoado também muito ama, eu faço a seguinte pergunta: “Será que Paulo poderia ter demonstrado um amor tão grande como demonstrou, sem a consciência de ter sido perdoado de uma dívida igualmente grande?”

Não! Na verdade, ele tinha esta consciência! Ele se via como o pior de todos os pecadores:

“Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua

completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna.”

1 Timóteo 1.15,16

Isto nos mostra que, ao falar sobre uma “grande dívida”, Jesus estava se referindo à capacidade de entendermos a gravidade dos nossos pecados e de nos arrependermos. Sabemos que Paulo, como alguém que viveu de forma irrepreensível no tocante à Lei de Moisés (que era extremamente rígida), não foi um devasso, nem um ladrão, ou tampouco um bêbado, ou outras coisas que o rotulariam como um “grande pecador”. Contudo, ele se via assim, em função da sua rendição à ação do Espírito Santo e por desejar experimentar um profundo arrependimento.

ENXERGANDO AS NOSSAS FALTAS

Esta é a chave! Ao falar sobre os “muitos

pecados” daquela mulher na casa de Simão, Jesus não Se referia ao fato de que ela era uma prostituta, e sim que ela enxergou profundamente a sua dívida para com Deus.

No momento em que Deus me deu este entendimento, Ele também me mostrou a minha vida sob um outro ponto de vista. Ele fez com que eu visse a minha sujeira e as minhas misérias! Ele fez com que eu visse que, se eu cresci perto d’Ele, isto não aconteceu devido a uma ausência de rebeldia em meu íntimo, mas porque, além de eu haver recebido instruções e ensinamentos bíblicos, eu também tive muitas orações e intercessões cobrindo a minha vida!

O Senhor fez com que eu visse quantas vezes eu quase me desviei d’Ele, e que essas batalhas foram ganhas pelos meus pais com orações intercessórias a meu favor. O Senhor fez com que eu visse os sentimentos, pensamentos, julgamentos e inclinações carnis que de tal maneira ainda existem em mim que eu me senti o mais miserável e pecador de todos os homens!

Aí então eu comecei a entender também porque

o Diabo tenta nos transformar em pessoas religiosas e espiritualmente orgulhosas. Comecei a perceber que, quando os nossos corações perdem a capacidade de serem sensíveis a Deus e de se arrependerem, perdemos também a capacidade de crescermos em amor ao Senhor.

Jesus nos mostrou que temos grandes dificuldades em enxergarmos as nossas próprias faltas, muito embora tenhamos facilidade de enxergarmos os erros dos outros:

“Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.”

Mateus 7.3-5

Muitas vezes não enxergamos as nossas misérias porque não permitimos que o Senhor as mostre a nós. Mas, se começarmos a entender pelo Espírito de Deus (que nos convence do pecado) a dimensão

dos nossos erros e pecados e verdadeiramente nos arrependermos perante o Senhor, então a consciência de tudo o que Ele nos fez encherá as nossas almas de gratidão, e acontecerá uma verdadeira revolução em nosso íntimo. Tiago desafiou os crentes de seus dias a praticarem o arrependimento, enxergando as suas faltas:

“Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Limpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai o coração. Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.”

Tiago 4.8-10

O que é “sentir as nossas misérias”?

É permitirmos que Deus faça com que enxerguemos a gravidade dos nossos pecados e nos aflijamos por eles!

O tamanho do nosso pecado e da nossa dívida não pode ser medido apenas pelas coisas que fizemos contra Deus, e sim pela forma como enxergamos o que fizemos!

A CONSCIÊNCIA DO QUE CRISTO FEZ POR NÓS

Uma vez que temos a capacidade de vermos os nossos erros e pecados, também precisamos ser capazes de olharmos para a Cruz e para o sacrifício de Cristo, para assim nos mantermos conscientes do que Ele fez por nós!

Paulo dizia que o amor de Cristo o “*constrangia*” (2 Co 5.14). Quanto mais ele enxergava o amor de Deus em contraposição aos seus erros, tanto mais gratidão ele percebia brotando dentro de si. O Senhor não quer que nenhum de nós se esqueça do que Ele fez. Esta é a razão da Ceia Memorial que Ele instituiu, como escreveu o apóstolo Paulo:

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão

e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.”

1 Coríntios 11.23-26

Ao cearmos, anunciamos a Sua morte, até que Ele volte. Ao comermos o pão e bebermos do cálice em memória de Cristo, mantemo-nos conscientes do sacrifício que nos remiu!

Precisamos viver nesta esfera de consciência do que Jesus fez! Esta é a melhor forma de alimentarmos o nosso amor por Ele. Os cânticos do Apocalipse são um retrato claro de que esta ênfase de gratidão durará para todo o sempre! A morte de Cristo por nós parece ser uma das maiores ênfases no louvor e adoração lá na glória:

“E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e

milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.”

Apocalipse 5.9-12

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.”

Apocalipse 7.9,10

De modo semelhante, também precisamos aprender a *recordarmos constantemente* o que Cristo fez por nós! Se aprendermos a viver com esta consciência, tudo será diferente! O nosso amor aumentará, e assim passaremos a viver com uma permanente *dívida de gratidão* com Deus!

Capítulo 5

DOANDO-SE A DEUS

**“É impossível amar a Deus sem amar a cruz... Deus nos dá a cruz e a cruz nos dá Deus”
(Madame Guyon)**

Há uma relação entre o amor e a entrega de vida. Não me esquecerei do dia em que Deus me deu um novo entendimento sobre esta dimensão de compromisso e resposta de amor a Ele. Foi em Roma, no dia 16 de agosto de 2003, cerca de 13h30. Eu parei em frente à Piazza di Spagna, com a minha esposa Kelly e a Pastora Roselen, de Milão, que nos ciceroneava. Aí então eu comecei a viajar no tempo e na história, imaginando os crentes em que Nero ateou fogo e os usou como tochas humanas para iluminar aquela praça e as suas escadarias! E não pude evitar: chorei! Chorei silenciosamente, imaginando não apenas a dor que eles sentiram, pelo tipo de morte que provaram, mas também a tristeza pela

separação provada pelas famílias dos mártires e a maneira pela qual a Igreja de Cristo foi edificada com o sangue de muitos santos que se doaram à causa do Evangelho!

A geração dos nossos dias ainda não entende esta dimensão de compromisso, muito menos a nobreza daqueles crentes. O Livro de Hebreus fala sobre alguns de cujas vidas “*o mundo não era digno*” (Hb 11.38). Foi assim que eu me senti naquele dia: com a certeza de que o mundo jamais entenderia a atitude daqueles santos, e que não saberíamos corresponder com dignidade, diante da nobreza da consagração deles!

A minha vontade era gritar para todo mundo naquele lugar que eles não entendiam o que aconteceu ali, que, ao invés de estarem rindo, ou conversando, eles deveriam renovar os seus votos de consagração a Deus, caso já o tivessem feito antes!

Eu sempre pensei que não seria difícil morrer por Jesus, uma vez que o crente não tem medo da morte. Na verdade, sempre brinco, citando um pregador que ouvi certa vez: “O crente não morre!

Ele é promovido e transferido. Ele deixa de trabalhar na Filial e vai lá para a Matriz, e ainda fica mais perto do Patrão!”

Porém, nesse dia, lá nas escadarias da Praça da Espanha, percebi algo que eu nunca havia relacionado com o momento da morte. Imaginei a dor da separação familiar. Eu pensei em meus filhos, Israel e Lissa, na ocasião com cinco e dois anos de idade, respectivamente. Eles não nos acompanharam nesta viagem; estavam no Brasil, na casa dos meus sogros. Então algumas questões começaram a vir à minha mente. O que seria morrer num momento como aquele? Como seria o fato de eu ter que partir sem sequer poder despedir-me deles? Qual seria a minha atitude, se eu realmente tivesse que morrer por amor a Cristo, sem poder encaminhá-los na vida, suprir às suas necessidades, ou providenciar quem os dirigisse?



Foi ali que eu percebi, não por uma mera conclusão racional e lógica, mas por uma revelação interior, que seria preciso muita fé e consagração para permitirmos ser martirizados! Não era só uma questão de atravessarmos o “portal” para a vida eterna. Talvez esta fosse a parte mais fácil. Seria preciso muita fé para deixarmos tudo para trás!

E o interessante era a forma como partiam! A

história registra que muitos cristãos morriam cantando! Isso mesmo: louvando até o fim! Algumas vezes, quando alguns já não aguentavam mais a dor e o calor das chamas envolvendo os seus corpos, eles passavam a gritar, mas um outro crente continuava o cântico no trecho em que o anterior havia parado! Eu andei por todas aquelas escadarias, e, com uma profunda dor no coração, pedi ao Espírito Santo que me ensinasse mais sobre consagração. Em seguida, renovei cada oração e voto de consagração que eu já havia feito em minha vida ao Senhor!

Nessa nossa passagem pela Itália, eu também tive o privilégio de conhecer o Coliseu, onde, segundo relatos históricos, também houve muitas mortes honrosas dos primeiros crentes. Muitos deles louvavam ao Senhor, enquanto aguardavam ser devorados pelos leões! Isto é que é consagração! Isto é que é amor!

Demorei a entender, mas o fato é que Deus não pede necessariamente a nossa vida, e sim a nossa *disposição* de a perdermos por amor a Ele! A primeira geração de crentes agiu assim, e

deveríamos seguir o exemplo deles!

Atualmente, a Igreja de um modo geral não demonstra esta mesma dimensão de compromisso, mas muitas coisas estão para mudar! O Espírito de Deus há de levantar uma nova geração, tomada de paixão e consagração a Jesus, uma geração que O servirá até as últimas consequências!

Esta relação entre amor e entrega de vida é vista de maneira muito clara nas Escrituras:

“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.”

Romanos 5.6-8

O amor de Deus ficou provado no fato de que Cristo morreu por nós. Esta relação entre amor e entrega de vida é vista, não apenas no que Jesus fez por nós, mas também no que nós devemos fazer por Ele e pelos irmãos:

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos.”

1 João 3.16

Enquanto não nos dispusermos a doarmos as nossas vidas por causa do Senhor ainda não estaremos amando a Ele como deveríamos! Somos chamados a demonstrarmos o nosso amor ao Senhor através da nossa decisão de morte e rendição completa. O amor de Cristo fez com que Ele morresse por nós, e Deus espera que correspondamos ao Seu investimento em nossas vidas:

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.”

2 Coríntios 5.14,15

O entendimento do amor e da consagração de Cristo deve produzir em nós uma resposta de amor e consagração a Ele também!

MORRER POR AMOR

A relação entre o nosso amor ao Senhor e a consagração das nossas vidas também pode ser observada nas palavras de Jesus:

“Chamando a si a multidão com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, salvá-la-á.”

Marcos 8.34,35 (TB)

Jesus deixou bem claro que, para sermos Seus discípulos, é necessário “tomarmos a nossa cruz”. “Tomar a cruz” fala de morte. Nos dias de Jesus, o Império Romano executava os criminosos através da crucificação. E, quando chegava a hora da morte, eles faziam com que o condenado carregasse a sua própria cruz, em público, até o local onde ele morreria. Era uma forma de todos saberem que ele estava a caminho da sua crucificação. Isto aconteceu com Jesus, que também teve que

carregar a sua cruz, e precisou ser ajudado durante o percurso (Mt 27.32).

Portanto, ao dizer aos Seus discípulos que “tomassem a cruz”, Cristo estava nos mostrando que temos que tomar uma decisão (pública) de nos anularmos e morrermos para nós mesmos. O Mestre deixou claro que, para poder segui-Lo e ser Seu discípulo, cada um teria que negar a si mesmo e morrer. Não se tratava de uma probabilidade, e sim de uma certeza!

SALVANDO OU PERDENDO A SUA VIDA

Todos temos que provar a morte ou a negação de nós mesmos. Se amamos ao Senhor, nós nos quebrantamos e morremos para nós mesmos. O apóstolo Paulo fez a seguinte declaração:

“Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.”

Romanos 8.36

Durante muito tempo eu achei que “carregar a cruz” seria padecer algum tipo de sofrimento

imposto por Deus. Não! “Tomar a nossa cruz” é decidir morrer para nós mesmos. Depois de corrigir esta mentalidade errada, eu ainda continuei tropeçando num outro aspecto do entendimento deste princípio. Eu achava que os crentes que “tomavam a sua cruz” o faziam por serem especiais, cheios de virtude, ou até mesmo por terem sido presenteados por Deus com uma “*graça maior*”. Este é um engano que tem paralisado a vida espiritual de muitos!

Todos temos que “tomar a nossa cruz”. E fazemos isto voluntariamente ou não! Jesus disse que quem quisesse ser Seu discípulo ***teria que*** “tomar a sua cruz”! Não é uma opção! É uma condição que Ele estabeleceu. É uma imposição! Veja o que diz a Bíblia:

“Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.”

Marcos 8.34,35

Não podemos classificar como discípulos “virtuosos” os que “tomam a sua cruz” e como discípulos “um pouco menos espirituais” os que “não a tomam”! Quem quiser ser discípulo estará assumindo o compromisso, estará assinando o contrato com a condição de morrer para si mesmo! Na qualidade de discípulo, a sua cruz virá de um jeito ou de outro!

O meu entendimento com relação ao ensino de Jesus tinha a ver com “irmos para o Céu” (“*salvar a sua vida*”) ou “irmos para o Inferno” (“*perder a vida*”). Seria algo semelhante a: “Quem quiser salvar a sua alma e ir para o Céu terá que perdê-la aqui na terra, fugindo dos prazeres do mundo!” No entanto, a palavra grega usada nos originais e traduzida como “*salvar*” é “*sozo*”. Diferentemente de “*sotero*” (que normalmente é a palavra empregada para se referir à redenção dos pecados), “*sozo*” é uma palavra abrangente que, de acordo com a Concordância de Strong, significa: 1) salvar, manter são e salvo, resgatar do perigo ou destruição; 2) poupar alguém de sofrer (de perecer), fazer bem, curar, restaurar a saúde; 3)

preservar alguém que está em perigo de destruição, salvar ou resgatar. Portanto, ao falar sobre os que querem “salvar” as suas vidas, Cristo referia-Se aos que, pelo fato de não desejarem “tomar a sua cruz”, escolhiam dirigir as suas próprias vidas, preservando-se assim da “morte a si mesmos” proposta por Ele.

No entanto, Jesus diz que quem tentar salvar a sua vida virá a perdê-la. Todas as tentativas de se escapar da cruz por Ele proposta são tentativas inúteis, em vão, pois todo discípulo acabará indo para a cruz.

Mas, logo em seguida, Ele diz que quem perder a sua vida virá a salvá-la!

O que isto significa?

Significa que vamos para a cruz de qualquer jeito! Contudo, quem se entrega logo é poupado de dores e paga um preço menor. Por outro lado, quem reluta, fugindo da cruz, tentando poupar-se, acaba pagando mais caro e sofre mais neste processo. Creio que esta diferença pode ser vista num outro versículo, cuja aplicação eu ouvi numa pregação do pastor Jack Schisler:

“Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.”

Lucas 20.18

A “pedra”, no contexto deste versículo, é Jesus. Quem decidir cair sobre Ele e buscá-Lo será feito em pedaços. Quem não se lançar sobre Ele ficará debaixo da “pedra” e será reduzido a pó. Esta escolha diz respeito somente ao impacto e à intensidade, pois todos temos que “tomar a cruz”, isto é, morrer para nós mesmos.

Todos precisamos de quebrantamento. O fato, no entanto, é que podemos acelerar ou retardar o processo. Ou tomamos logo a cruz e nos dispomos a morrer, ou deixamos para depois, e pagamos mais caro! Observemos o texto todo para enxergarmos os detalhes deste ensino:

“Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho

salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma? Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos. Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.”

Marcos 8.34-38; 9.1

Dentre as coisas que o Mestre falou aos Seus discípulos neste texto, Ele expôs uma verdade que precisa ser relacionada com a questão da nossa consagração de vida e da nossa participação no aceleração ou retardamento deste processo. No Versículo 1 do Capítulo 9 (que é uma extensão inseparável do texto), Ele falou que alguns não morreriam, antes de verem a Sua vinda e a chegada do Reino de Deus com poder. A colocação feita pelo Senhor está no plural, o que indica que a possibilidade de não morrermos (sem antes vermos o Reino chegando com poder) referia-se a mais de

um dos Seus discípulos, ou seja, poderia acontecer com muitos deles. E esta afirmação é uma chave que nos ajuda a entendermos o que aconteceu com os apóstolos.

A DIFERENÇA DE JOÃO

Ao estudarmos sobre o amor ao Senhor, não podemos deixar de destacar o apóstolo João, que foi chamado de “*o discípulo a quem Jesus amava*”!

Durante um tempo em minha vida, senti um ciúme velado pelo apóstolo João.

Por que ele era o “*queridinho*” do Mestre?

Por que ele foi o único apóstolo não-martirizado?

Por que foi entregue a ele o cuidado da família do Senhor Jesus?

Por que ele foi o único a receber as gloriosas visões do fim dos tempos?

Porque esta palavra dada por Jesus em Marcos 9.1 cumpriu-se na vida dele! Observe que, quando Jesus foi preso no Jardim do Getsêmani, “*todos os discípulos fugiram*” (Mt 26.56). Cumpriu-se a Escritura: “*Ferirei o pastor e o rebanho se dispersará*”

(Mt 26.31). Contudo, o Evangelho de João nos mostra que, embora mantendo uma certa distância, os únicos que seguiram a Jesus foram João e Pedro. Porém, a diferença entre um e outro foi que João não escondeu o fato de ser discípulo de Jesus, ao passo que Pedro, sim, o escondeu:

“E Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. E este discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus na sala do sumo sacerdote. E Pedro estava da parte de fora, à porta. Saiu, então, o outro discípulo que era conhecido do sumo sacerdote e falou à porteira, levando Pedro para dentro. Então, a porteira disse a Pedro: Não és tu também dos discípulos deste homem? Disse ele: Não sou.”

João 18.15-17

Como João era conhecido do Sumo Sacerdote, ele já entrou identificado como discípulo de Cristo. E foi justamente por saberem a respeito de João que perguntaram a Pedro: “Não és tu ***também*** dos discípulos deste homem?” A palavra “*também*” deixa claro que João já havia sido identificado como seguidor de Jesus. Pedro, porém, negou ser

discípulo de Cristo. Por quê? Provavelmente pelo medo de ser preso e executado com o Seu Mestre.

Na hora da crucificação, a maioria dos discípulos permaneceu à distância (Mt 27.55,56), provavelmente devido a este mesmo medo. O único dos Doze Apóstolos que é claramente mencionado como que estando perto da Cruz é João:

“E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Ora, Jesus, vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.”

João 19.25-27

João foi o único que nunca deixou de estar ao lado de Jesus, tanto no Sinédrio, por ocasião da prisão e julgamento do Senhor, como também na hora da crucificação. Ele foi o único que não tentou “salvar a sua vida”. Ele se expôs como discípulo de Cristo o tempo todo, como se estivesse declarando:

“Eu sou seguidor de Jesus e estou aqui. Se for preciso ser preso, sofrer, e até mesmo morrer juntamente com Ele, estou disposto a isto!”

Creio que João foi o único apóstolo que não foi martirizado por uma só razão: quando todos fugiram e permaneceram à distância (ou até mesmo negaram a Jesus), ele foi o único que se dispôs a morrer. Muito embora ele não tivesse sido morto, a sua real disposição de ir até o fim por Jesus foi aceita por Deus como sendo uma entrega da sua própria vida. Assim como aconteceu com Abraão, no sacrifício do seu filho Isaque, assim também João não precisou morrer de fato para que Deus considerasse a sua vida como que tendo sido entregue. A sua disposição de ir até o fim bastava!

Isto fica bem evidente na conversa de Jesus com Pedro, pois, depois que o Senhor lhe falou sobre a sua morte (e Pedro sabia que ele somente teria uma segunda chance, por haver desperdiçado a primeira), Pedro, ao perceber que João estava próximo, perguntou a Jesus sobre a morte de João, o qual, diferentemente dele, não havia desperdiçado a sua oportunidade:

“E Pedro, voltando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, e que na ceia se recostara também sobre o seu peito, e que dissera: Senhor, quem é que te há de trair? Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e deste que será? Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu. Divulgou-se, pois, entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não lhe disse que não morreria, mas: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.”

João 21.20-24

A Bíblia diz que “divulgou-se, pois, entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não havia de morrer.”

Quem divulgou esta informação?

Acho este relato divertido, pois é muito grande a probabilidade de que tenha sido Pedro que espalhou esta informação equivocada. Deduzimos isto porque somente os três estavam presentes naquele momento. Jesus subiu ao Céu e sabia o que

Ele quis dizer com a Sua afirmação. João está explicando que a informação foi mal-entendida. Assim sendo, sobrou somente Pedro como provável responsável pela divulgação da informação errada. Por outro lado, o apóstolo João explicou que o enfoque da informação do Mestre foi que ele ficaria “*até que Jesus viesse*”! Depois que todos os demais apóstolos já haviam sido martirizados, João, já velho e cheio de dias, provou o cumprimento desta promessa (de ficar “*até que Jesus viesse*”) e também da outra promessa de Jesus em Marcos 9.1 (“... *dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder.*”), em seu exílio na Ilha de Patmos, ao receber as gloriosas visões do Apocalipse e assistir assim (de antemão e de “camarote”) a tudo o que ocorrerá por ocasião da Segunda Vinda de Jesus, podendo desta maneira “*ver chegado o reino de Deus com poder*” antes de “*provar a morte*”!

Este entendimento me ajudou em questões práticas.

Em primeiro lugar, ficou claro para mim que

Jesus nunca fez distinção alguma entre João e os Seus demais discípulos. Cristo nunca deitou no peito de João. Era o apóstolo João que reclinava a sua cabeça no peito de Jesus. O Senhor nunca trata os Seus discípulos de forma diferente, mas aceita que nos distingamos dos demais, decidindo tratá-Lo de modo diferenciado, como João o fez!

Em segundo lugar, João não foi martirizado ou recebeu as visões do Apocalipse pelo fato de ser mais amado do que os outros, mas por ter praticado princípios! Outros poderiam ter vivido o que ele viveu, se tivessem agido como ele agiu! Lembre-se que a promessa de Jesus era de que “*alguns*”, e não somente João, pudessem ver o Seu Reino chegando com poder antes de morrerem! Eu creio que a forma de amarmos e correspondermos ao amor de Jesus afetará de modo diferente o nosso destino! Pedro, que tentou salvar a sua vida, acabou sofrendo posteriormente e perdeu a sua vida! João, por sua vez, que se entregou desde o início, “perdeu a sua vida”, mas foi poupado do martírio depois e salvou a sua vida!

Ao pedir que “tomemos a nossa cruz” (o

compromisso público da morte), Jesus não quer nos privar de vivermos! Isto tanto é verdade que o que logo se dispõe a entregar a sua vida acaba salvando-a! Mas, se não nos entregarmos logo, em amor, acabaremos tornando o preço mais caro do que precisava ser!

Pare de lutar e entregue a sua vida no altar de Deus! “Tome a sua cruz”! Isto acontecerá de qualquer modo! A decisão é sua, e o preço a ser pago virá como uma consequência da sua decisão! Que o Senhor nos ajude a entendermos a entrega das nossas vidas e a expressarmos o nosso amor a Ele desta forma!

Capítulo 6

AMOR INCORRUPTÍVEL

**“Não só estamos todos num processo de transformação, mas estamos nos tornando naquilo que amamos. Em grande medida, somos a somatória de tudo que amamos e, por necessidade moral, cresceremos na imagem daquilo que mais amamos.”
(A.W.Tozer)**

Era a noite fria de 3 de novembro de 2005. A minha esposa Kelly e eu estávamos subindo, emocionados, a Torre Eiffel, para avistarmos Paris do alto de um dos monumentos mais conhecidos do mundo. Estávamos comemorando dez anos de casamento neste dia. Muito embora estivéssemos bem agasalhados e nos abraçando apertadamente, a nossa sensação de calor não vinha disso, mas da alegria de podermos dizer um ao outro que agora nos amávamos mais do que quando estávamos namorando, ou até mesmo de quando nos casamos!

Estávamos a caminho da Alemanha, onde

pregaríamos, e Deus nos presenteou com esta passagem pela França, justamente numa data tão especial para nós! Oramos agradecidos a Deus pelo nosso casamento. Naquele momento, não pude deixar de lembrar-me dos muitos casais que atendemos ao longo desses mesmos dez anos pastoreando. Quantos deles declaravam que já não sentiam mais nada um pelo outro! Como é triste quando um cônjuge perde o amor pelo outro! Graças a Deus que muitos desses casais provaram um milagre celestial em seus relacionamentos! Muitos resgataram em Deus o amor que haviam perdido. Na mesma hora em que a minha mente divagava nessas recordações, eu também pensei como seria terrível eu perder o amor da Kelly e como era bom podermos constatar que o nosso relacionamento somente havia se fortalecido ao longo dos anos! Assim sendo, eu lhe fiz a seguinte promessa:

“Vou te amar para sempre!”



É natural o nosso desejo de não somente

amarmos, mas também de sermos amados em nossos relacionamentos. Também é natural a esperança de que isto não se acabe nem se corrompa. Eu creio que Deus quer que, sob o mesmo prisma, venhamos a entender a importância de amá-Lo da mesma forma. Por isso Paulo escreveu o seguinte aos efésios:

“A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível.”

Efésios 6.24 (TB)

Temos aqui uma definição do tipo de amor que permite um livre fluir da graça do Senhor em nossas vidas. Algumas versões bíblicas empregam um termo diferente na tradução deste texto e usam a expressão *“amor sincero”* ou ainda *“amor perene”*. A Tradução Brasileira (SBB) e a Versão Revisada de Almeida (IBB) optaram corretamente pelo termo *“incorruptível”*.

O Dicionário Vine nos mostra que a palavra grega empregada nesse texto pelo apóstolo Paulo e que se encontra nos manuscritos originais é *“aphtharsia”*, que significa *“incorruptão”*. Esta

palavra é usada com relação ao corpo da ressurreição (1 Co 15.42,50,53,54) e é uma condição associada à glória, honra e vida! Esta palavra às vezes é traduzida por “*imortalidade*” (Rm 2.7; 2 Tm 1.10) e também pode dar a idéia de “*sinceridade*”, de acordo com esta linha de pensamento. Por outro lado, a Concordância Exaustiva de Strong aponta dois prováveis significados para esta palavra: 1) incorrupção, perpetuidade, eternidade; 2) pureza, sinceridade.

De qualquer forma, o amor puro e sincero é o que *não se corrompe*, que traz em si a perpetuidade, que dura para sempre!

A afirmação de Paulo aos irmãos efésios faz com que reconheçamos que há pelo menos dois diferentes tipos de amor que os crentes podem manifestar ao Senhor ao longo do tempo: o amor *incompactível* e o amor *compactível*.

Portanto, quando falamos de amor ao Senhor, não basta apenas reconhecermos que há pessoas que O amam e pessoas que não O amam (1 Co 16.22). Se assim fosse, a nossa única tarefa seria a de fazermos com que os que não amam ao Senhor

passassem a amá-Lo! No entanto, o nosso desafio é ainda maior! Até mesmo dentre os que hoje professam que amam ao Senhor Jesus Cristo, há os que O amam com um amor *incorruptível* e os que têm permitido que o seu amor por Ele *se corrompa*!

A CORRUPÇÃO ESTÁ LIGADA AO SER HUMANO

Infelizmente, desde o início do seu relacionamento com Deus, o homem tem mostrado que a corrupção está latente no seu ser. A corrupção faz parte da nossa própria natureza afetada pelo pecado e precisa ser mortificada através do domínio do Espírito Santo em nós.

Além da queda de Adão e Eva no Jardim do Éden, que demonstra claramente a inclinação do ser humano à corrupção, vemos nos dias de Noé que o Dilúvio foi um juízo divino provocado justamente por esta mesma corrupção dos homens:

“Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração. Eis a história de Noé.

Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus. Gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé. A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra. Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra.”

Gênesis 6.5,9-13

Além do ocorrido nos dias de Noé, um dos exemplos de corrupção que mais me impressionam é o que aconteceu ao povo de Israel no deserto, logo depois que o Senhor os tirou do Egito com mão forte, sinais e prodígios! Moisés subiu ao monte para receber os Mandamentos e ouviu de Deus a seguinte afirmação:

“E o Senhor me disse: Levanta-te, desce depressa daqui, porque o teu povo, que tiraste do Egito, já se corrompeu; cedo se desviou do caminho que lhe ordenei; imagem fundida para si fez.”

Deuteronômio 9.12

Estamos nos referindo a uma geração que viu a glória de Deus como nenhuma outra! O seu relacionamento com Deus mal havia começado e eles já haviam se corrompido! É triste reconhecermos a inclinação do homem à corrupção, inclusive em nosso amor ao Senhor. Essa geração deveria ter amado profundamente a Deus, mas esqueceram-se d'Ele bem depressa! Contudo, não estamos falando apenas de uma geração pertencente a um passado distante, pois este é o reflexo da nossa geração atual! Estamos repetindo o mesmo erro do passado!

O desafio de todo cristão é caminhar com Deus numa dimensão em que ele possa conservar o seu amor intocável, *incorruptível*. A Igreja brasileira vive um crescimento inédito. Nunca tivemos tantas conversões como vemos atualmente. As nossas igrejas nunca cresceram antes como crescem agora. Contudo, alguns dados estatísticos indicam que a quantidade de desviados em nosso país é quase a mesma que a de cristãos firmes! A proporção está quase de um para um!

Portanto, o nosso desafio não é apenas

ganharmos os perdidos, mas também ensiná-los a amarem ao Senhor com um amor *incorruptível*!

A FONTE DA CORRUPÇÃO

Antes de querermos procurar os culpados, temos que admitir que a corrupção está ligada ao ser humano, à sua natureza carnal e pecaminosa. O apóstolo Paulo chamou esta condição interior de um “*cativeiro da corrupção*”:

“Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”

Romanos 8.20,21

A palavra grega traduzida como “corrupção” é “*phthora*”, e, segundo a Concordância de Strong, significa: 1) corrupção, destruição, aquilo que perece; 2) aquilo que está sujeito à corrupção, que é perecível.

Em outras palavras, ela retrata algo que se estraga, que deixa de ser como era inicialmente,

uma decadência. O pecado é uma fonte de morte, de corrupção, e este reconhecimento levou o apóstolo ao seguinte desabafo:

“Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Romanos 7.24 (ARC)

A fonte de toda corrupção (inclusive do nosso amor *corruptível* para com o Senhor Jesus) encontra-se em nossa própria carne. É por isso que o crente em Jesus deve aprender a andar no Espírito Santo e, desse modo, mortificar a sua própria carnalidade. É tudo uma questão de escolhermos onde investiremos e o que fortaleceremos em nossas vidas:

“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.”

Gálatas 6.7,8

O fato de termos em potencial uma fonte de

corrupção em nós mesmos não significa que a corrupção seja inevitável! Não estamos fadados ao fracasso: temos uma escolha! Ao falarmos desta nossa inclinação carnal, estamos falando dos nossos desejos:

“No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano.”

Efésios 4.22

A nossa carne carrega desejos enganosos, e não podemos nos entregar a eles. Pelo contrário, devemos nos despojar deles (de tudo o que fazia parte da antiga forma de vivermos). Esta é a única forma de não sermos vencidos pela corrupção da carne.

É por isso que precisamos nos encher da Palavra de Deus. Ela é um poderoso instrumento de Deus para fazer com que andemos em vitória. Quando nos afastamos da Palavra, a corrupção certamente nos domina. Foi o que aconteceu nos dias de Neemias:

“De todo nos corrompemos contra ti, e não

guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos, que ordenaste a Moisés teu servo.”

Neemias 1.7 (ARC)

Apesar de carregarmos em nossa própria carne o que podemos chamar de uma fonte de corrupção em potencial, há ainda outros fatores externos que contribuem para aumentá-la.

A CORRUPÇÃO DO MUNDO

Todo cristão tem que enfrentar a força corruptora das paixões que há no mundo e aprender a não ser contaminado por elas:

“A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.”

Tiago 1.27 (ARC)

A única forma de nos guardarmos desta força maligna de corrupção do mundo é enchendo-nos da Palavra (as preciosas promessas que o texto menciona) e da presença (natureza) divina – com o Espírito habitando em nós:

“Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.”

2 Pedro 1.4

Ao falarmos do mundo, estamos falando de um sistema que engloba muitas estratégias para se pressionar os cristãos. São hábitos, padrões, comportamentos, sem mencionarmos a força direta da mídia, que rege esses padrões e tenta massacrar os nossos valores. No entanto, no meio de todo este sistema, temos que nos manter em alerta, especialmente com relação às pessoas que nele vivem, pois a Bíblia declara que as más companhias corrompem os bons costumes:

“Não vos deixeis enganar: más companhias corrompem bons costumes.”

1 Coríntios 15.33 (TB)

Uma das coisas que este sistema, juntamente com as pessoas que nele vivem, tenta fazer é substituir o seu amor ao Senhor! É isso mesmo: ele

não prega diretamente o abandono do nosso amor pelo Senhor; ele tenta fazer com que as pessoas amem as coisas deste mundo, e, desta forma, o amor por Jesus começa a esfriar (Mt 24.12)! Aí então, à medida que as pessoas passam a envolver-se com as coisas do mundo, elas vão se distanciando cada vez mais de Cristo!

Foi isto o que aconteceu com um dos cooperadores do apóstolo Paulo em seu ministério. Ele declarou o seguinte:

“Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica.”

2 Timóteo 4.10

A Tradução Brasileira optou pelo termo “*o mundo presente*” neste texto. Este versículo nos mostra que a forma que Satanás usa neste sistema mundano para nos afastar do amor ao Senhor é tentando seduzir-nos com o amor ao mundo. A consequência imediata disto é o abandono, não só do discipulador, mas também do próprio Cristo. E esta progressão do nosso amor ao mundo não termina até que acabemos como inimigos d’Ele:

“Adúlteros, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus.”

Tiago 4.4

Tiago chama os que se tornam amigos do mundo de “adúlteros”! Outra versão usa o termo “infiéis”, que significa exatamente a mesma coisa: “alguém que quebrou a sua aliança, o seu compromisso com o Senhor”! Por isso devemos guardar o nosso coração, para que ele não seja seduzido pelo amor ao mundo:

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.”

1 João 2.15-17

PROSTITUIÇÃO ESPIRITUAL

Tiago usou a expressão “*adulterio*” ao referir-se ao cristão que dá as costas a Deus e envolve-se com o mundo. A Bíblia usa repetidas vezes expressões que indicam uma prostituição espiritual ao referir-se à corrupção do amor ao Senhor. Esaú é um exemplo negativo disto nas Escrituras. Ele tinha direito à herança de Abraão e Isaque por nascimento, mas desprezou-a e ficou conhecido como alguém que se prostituiu:

“E ninguém seja fornicador ou profano, como Esaú, que, por um manjar, vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com lágrimas, o buscou.”

Hebreus 12.16,17 (ARC)

As Escrituras o chamam de “*fornicador*” e “*profano*”. De acordo com a Concordância de Strong, a palavra traduzida por “fornicador” é “ *pornos*”, e significa: 1) homem que prostitui seu corpo à luxúria de outro por pagamento; 2) prostituto; 3) homem que se entrega à relação

sexual ilícita, fornicador.

A Palavra de Deus emprega este mesmo exemplo de prostituição com relação a Israel, que deixou de amar e seguir ao Senhor:

“A mim me veio a palavra do Senhor, dizendo: Vai e clama aos ouvidos de Jerusalém: Assim diz o Senhor: Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia.”

Jeremias 2.1,2

Deus compara o Seu povo a uma noiva e enfatiza que Ele Se lembrava do amor deles, antes que se corrompessem. E Ele continua empregando exemplos de prostituição na mensagem dada ao profeta:

“A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê que mau e quão amargo é deixares o Senhor, teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos. Ainda que há muito quebrava eu o teu jugo e rompia as tuas ataduras, dizias tu: Não quero servir-te. Pois,

em todo outeiro alto e debaixo de toda árvore frondosa, te deitavas e te prostituías.”

Jeremias 2.19,20

Novamente vemos os termos “*infidelidade*” e “*prostituição*” sendo usados. Quando permitimos que o nosso amor se corrompa e nos afastamos do Senhor, estamos praticando um “adultério espiritual”.

A Palavra de Deus está repleta de exemplos de pessoas que se corromperam em seu relacionamento com o Senhor: Esaú, Sansão, Saul, Uzias, Judas, e muitos outros. No entanto, quando olhamos somente para esses exemplos, associamos a corrupção do nosso amor ao Senhor somente aos casos mais graves, como o caso dos que se desviam totalmente. Pelo fato de não termos nos desviado, deduzimos que o nosso amor ao Senhor não está correndo o risco de corrupção, e, assim sendo, sentimo-nos confortáveis!

Contudo, de acordo com o ensino do Senhor Jesus, há diferentes níveis de adultério:

“Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém,

vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.”

Mateus 5.27,28

Há um adultério “físico” e um adultério “do coração”. É lógico que o adultério “físico”, com o envolvimento sexual, tem consequências bem mais graves. Contudo, o adultério “do coração” não deixa de ser pecado e pode ser um passo para o outro nível de adultério. Alguém que esteja praticando o adultério “do coração” não pode gloriar-se de que está bem, ainda que a sua situação não seja visível, como a de quem cometeu um adultério “físico”. Semelhantemente, não adianta nos justificarmos, alegando que não estamos desviados! Se o nosso amor ao Senhor está se enfraquecendo, isto se deve ao fato de que, em algum nível, estamos nos corrompendo! Estamos adulterando!

Como eu já afirmei no Capítulo 2, a falta de amor ao Senhor é um pecado, é uma desobediência que será seguida de maldição!

Portanto, precisamos nos arrepender e buscar ao

Senhor, permitindo que Ele nos restaure. Na mensagem do profeta Jeremias, Deus revelou o Seu profundo amor pelo Seu povo, dispondo-Se a perdoá-los e a recebê-los novamente, ainda que eles tivessem se prostituído:

“Se um homem repudiar sua mulher, e ela o deixar e tomar outro marido, porventura, aquele tornará a ela? Não se poluiria com isso de todo aquela terra? Ora, tu te prostituíste com muitos amantes; mas, ainda assim, torna para mim, diz o Senhor.”

Jeremias 3.1

Assim como o Senhor chamou o Seu povo de volta, perdoadando-lhe a prostituição espiritual, Ele também está nos chamando de volta, independentemente do nível de corrupção que tenhamos permitido em nossas vidas! Ele quer nos restaurar!

No entanto, mais do que sermos restaurados da corrupção do nosso amor ao Senhor, precisamos aprender a caminharmos de um modo tal a evitarmos que isto aconteça novamente!

Se aprendermos a amar a Cristo com um amor

inocorrúptível, caminharemos de acordo com uma expressão maior da graça de Deus:

“A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor inocorrúptível.”

Efésios 6.24 (TB)

Capítulo 7

VOLTANDO AO PRIMEIRO AMOR

**“A maior dificuldade na conversão é ganhar o coração para Deus; e a maior dificuldade após a conversão é manter o coração com Deus...”
(John Flavel)**

Há alguns anos atrás eu fui ao supermercado para fazer uma pequena compra. Não era o que poderíamos chamar de “compra do mês”; era só uma “comprinha” daquelas para as necessidades de um ou dois dias. Portanto, saí com uma certa quantia em dinheiro e fiz questão de ir somando mentalmente o preço dos produtos que eu estava comprando, de modo a não exceder o valor que eu tinha em mãos. Depois que as mercadorias passaram pelo caixa, sobrou um pequeno troco – não me lembro o valor exato, mas eram apenas moedas. Aí então perguntei ao caixa se aquele valor

daria para comprar algum chocolate, pois eu pensei em levar algo à minha esposa e filhos. Fui informado que, com aquela quantia, eu somente conseguiria comprar três unidades daquele chocalatinho em forma de bastão, o “Batom” da Garoto, e foi exatamente o que eu fiz!

Quando eu entreguei os chocalatinhos na mão dos meus dois filhos, Israel e Lissa, eles fizeram a maior festa. Achei que eu conseguiria causar a mesma boa impressão em minha esposa, a Kelly, mas, para meu espanto, a reação dela foi dizer-me:

“Que decadência!”

Levei um susto com a frase dita por ela e com o olhar de censura recebido por mim! O olhar de “Don Juan” e o chocalatinho não haviam produzido resultado algum em minha tentativa de agradar a minha esposa! Assim sendo, disparei:

“Do que é que você está falando, mulher?”

Ela sequer titubeou para responder:

“No início, quando começamos a namorar, você me trazia bombons da Kopenhagen. Depois que ficamos noivos, você começou a aparecer com

caixinhas de bombons sortidos da Nestlé. Quando nos casamos, você começou a trazer os ‘Sonhos de Valsa’ da Lacta. E agora ‘Batom’! Onde é que isto vai parar?”



Caímos na gargalhada com o protesto da Kelly!

Depois, no entanto, percebi que minha esposa não havia apenas brincado. Comecei a repensar na minha dedicação em agradá-la e concluí que ela estava certa. Eu ainda a amava, e não achava que houvesse perdido este amor, mas as coisas deixaram de ser como haviam sido no começo!

É claro que um relacionamento amadurece e nem tudo será sempre como foi no começo. Eu poderia mencionar muitas coisas que melhoraram ao longo dos anos, mas o fato é que, neste aspecto específico (a expressão de valorização e carinho), eu havia decaído com relação ao que eu já havia sido antes! Chocolates populares também são *gostosos*, mas não são *românticos*!

Eu pedi perdão à minha esposa e prometi resgatar o que eu havia deixado de lado. E, obviamente, tratei de fazer o que eu deveria fazer: comecei a dar-lhe bombons da Copenhagen novamente!

Se isto acontece ao nível do nosso relacionamento humano, natural, certamente também acontece no plano espiritual! Da mesma forma que perdemos a paixão e a intensidade do

nosso amor por permitirmos o nosso envolvimento na rotina de um relacionamento com pessoas que realmente amamos, também acabamos permitindo que o nosso relacionamento com o Senhor sofra desgastes! E o Deus que nos chamou a um relacionamento de amor total não aceita isto! Ele protesta e pede de volta o que perdemos!

Nas visões do Apocalipse, que o apóstolo João recebeu na Ilha de Patmos, o Senhor lhe confiou algumas mensagens às Igrejas da Ásia. Na Carta endereçada à Igreja de Éfeso, o Senhor Jesus protestou com relação à decadência do amor que essa igreja vinha apresentando. Ele protestou pela perda do que chamou de “primeiro amor”:

“Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a

ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.”

Apocalipse 2.2-5

O PRIMEIRO AMOR

O que é o “*primeiro amor*” a que o Senhor Jesus Se refere nesta mensagem?

É um fogo de grande intensidade em nosso íntimo, que coloca Jesus acima de todas as demais coisas! Isto foi bem exemplificado numa parábola de Cristo:

“O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.”

Mateus 13.44

O Senhor está falando de alguém que, além de transbordar de alegria por ter encontrado o Reino de Deus, ainda se dispõe a abrir mão de tudo o que tem para desfrutar do seu achado. Estas duas

características são evidentes na vida de quem teve um encontro real com Jesus.

Esta alegria inicial foi mencionada por Jesus Cristo na Parábola do Semeador. O problema é que alguns cristãos permitem que ela desapareça diante de algumas provações:

“O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.”

Mateus 13.20,21

Outros cristãos, por sua vez, até mesmo diante das mais duras provações, ainda permanecem transbordantes desta alegria:

“Chamando os apóstolos, açoitaram-nos e, ordenando-lhes que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram. E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome.”

Atos 5.40,41

O primeiro amor é o nosso primeiro momento de relacionamento com Cristo em que nos devotamos de todo o nosso ser a Ele. Abrimos mão de tudo por causa do Senhor Jesus:

“O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra.”

Mateus 13.45,46

O Reino de Deus passa a ser prioridade absoluta! É quando amamos a Deus de todo o nosso coração e alma, com todas as nossas forças e entendimento! Este primeiro amor nos leva a vivermos intensamente a fé.

Foi assim desde o início da era cristã:

“Então, os que aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e

tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.”

Atos 2.41-47

Os relatos de Atos dos Apóstolos nos revelam uma Igreja viva, cheia de paixão e fervor:

“Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à

medida que alguém tinha necessidade.”

Atos 4.32-35

Este amor nos leva à prática de buscarmos intensamente ao Senhor. Aliás, vale ressaltarmos que há um padrão de busca que Deus determinou para nós. É quando Ele Se torna mais importante para nós do que qualquer outra pessoa ou coisa! Devemos chegar a um ponto tal neste anseio por Ele que nada mais importe!

O ser humano foi criado para buscar a Deus. Este propósito divino é claramente revelado nas Escrituras. Na pregação do apóstolo Paulo em Atenas, ele fez a seguinte afirmação:

*“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; **para buscarem a Deus***

se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós.”

Atos 17.24-27

A declaração bíblica é muito específica: o homem foi criado e estabelecido por Deus nesta Terra para buscá-Lo! Ainda que, em cegueira espiritual, o fizesse tateando, o homem deveria buscar a Deus. E Deus quer ser achado pelo ser humano, fato esse que fez com que Paulo afirmasse que Ele “*não está longe de cada um de nós*”!

Contudo, Deus não esperava apenas que os homens O buscassem, mas que também o fizessem da forma correta! Através do profeta Jeremias, o Senhor Deus deixou bem claro o que é necessário para que O encontremos – não apenas uma busca qualquer, mas uma busca de **todo** o nosso coração:

“Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração.”

Jeremias 29.13

Este amor também faz com que trabalhemos para Deus. Jesus relacionou este amor com **obras**

quando disse a Pedro que se ele O amasse, ele deveria pastorear o Seu rebanho (Jo 21.15-17). O apóstolo Paulo falou que o amor de Cristo (ou o entendimento da profundidade deste amor) nos constrange a não mais vivermos para nós, e sim para Ele:

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.”

2 Coríntios 5.14,15

Foi este “constrangimento” de amor que fez com que o apóstolo Paulo trabalhasse mais do que os demais apóstolos:

“Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.”

1 Coríntios 15.10

Isto também deve ser assim conosco hoje. O

primeiro amor é uma profunda resposta ao entendimento do amor de Cristo, o que nos leva a buscarmos e a servirmos ao Senhor com intensidade e paixão.

A PERDA DO PRIMEIRO AMOR

Alguns acham que, se o primeiro amor nos leva ao trabalho, então a perda do primeiro amor poderia ser definida como sendo “uma diminuição da produtividade”. Porém, de acordo com a mensagem de Jesus na Carta à Igreja de Éfeso, a perda do primeiro amor não é apenas uma questão de “relaxarmos” no trabalho de Deus, pois o Senhor lhes disse: “*Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança*” (Ap 2.2a). A palavra grega traduzida como “*labor*” é “*kopos*”, que, de acordo com a Concordância de Strong, significa: “*intenso trabalho unido a aborrecimento e fadiga*”. Este tipo de labor seguido de perseverança, por parte dos

efésios, não nos permite concluirmos que eles tenham demonstrado alguma queda de produtividade no serviço ao Senhor.

“Perder o primeiro amor” também não é “enfrentar uma crise de desânimo” ou “desejar desistir”, uma vez que, nesta mensagem profética, o Senhor Jesus elogia a persistência desses cristãos de Éfeso: *“e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer”* (Ap 2.3).

A perda do primeiro amor também não pode ser vista como sendo um momento de crise no trabalho ou na dedicação, uma vez que é algo que Deus “tem ***contra*** nós”:

“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.”

Apocalipse 2.4,5

Portanto, a perda do primeiro amor é uma ***queda***, é chamada de ***pecado***, e necessita

arrependimento. Há muitos crentes que continuam se dedicando ao trabalho do Senhor, mas perderam a paixão. Fazem o que fazem por hábito, por rotina, por medo, pelo galardão, por quaisquer outros motivos, os quais, acompanhados daquele primeiro amor intenso, fariam sentido, mas sozinhos não!

A queixa que o Senhor faz é o fato de que esses crentes haviam **abandonado** o primeiro amor. A palavra grega “*aphiemi*”, traduzida como “*abandonar*” neste texto bíblico, tem um significado bem abrangente. A Concordância de Strong define esta palavra da seguinte maneira: “enviar para outro lugar; mandar ir embora ou partir; de um marido que divorcia sua esposa; enviar, deixar, expelir; deixar ir, abandonar, não interferir; negligenciar; deixar ir, deixar de lado uma dívida; desistir; não guardar mais; partir; deixar alguém a fim de ir para outro lugar; desertar sem razão; partir deixando algo para trás; deixar destituído.”

Essas expressões refletem, não uma perda que possa ser denominada como sendo meramente acidental, mas um ato voluntário de abandono, de descaso.

O Senhor Jesus tampouco está exortando esta igreja por não O amarem mais! Não se tratava de uma ausência completa de amor, pois ainda havia amor! No entanto, o amor deles havia perdido a sua intensidade e não era mais o amor que Ele esperava encontrar neles!

PORQUE PERDEMOS O PRIMEIRO AMOR

O primeiro amor é como um fogo. Se colocamos lenha, ele fica mais inflamado. Contudo, se jogamos água, ele se apaga! Falhamos por não alimentarmos o fogo e por permitirmos que outras coisas o apaguem!

Muitas coisas contribuem para que o nosso amor pelo Senhor perca a sua intensidade. No entanto, há quatro coisas, especificamente, que eu gostaria de enfatizar aqui. Se quisermos nos prevenir e evitar esta perda, ou se quisermos uma restauração, depois que perdemos este amor, precisaremos

entender estes aspectos e a maneira como eles nos afetam:

1. o convívio com o pecado;
2. a falta de profundidade;
3. a falta de tratamento;
4. as distrações.

O *primeiro fator* de esfriamento do nosso amor para com o Senhor é “o convívio com o pecado”:

“E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará.”

Mateus 24.12

Ao falar do “convívio com o pecado”, ao invés do pecado em si, estou pretendendo estabelecer uma diferença importantíssima. É óbvio que quem vive no pecado está distante de Deus. A ausência do primeiro amor é chamada de “pecado”, mas este pecado não é necessariamente ocasionado por um outro pecado na vida da pessoa que sofreu esta perda. Muitas vezes esta frieza é gerada pelo “convívio com o pecado dos outros”! Creio que, em Mateus 24.12, Jesus está Se referindo aos pecados

da sociedade em que vivemos. Devido à multiplicação do pecado à nossa volta (e não necessariamente em nossas vidas), passamos a conviver com algumas coisas que, ainda que não as pratiquemos, passamos a tolerar!

Precisamos ter o cuidado de não nos acostumarmos com o pecado à nossa volta. Muitas vezes o enredo dos filmes que nos proporcionam entretenimento faz com que nos acostumemos com alguns valores contrários ao que pregamos. Acabamos aceitando com naturalidade a violência, a imoralidade, e muitos outros valores mundanos. Ainda que não cedendo a esses pecados, se não mantivermos um coração que aborreça o mal, ficaremos acostumados com esses valores errados a ponto de permitirmos que o nosso amor se esfrie! Precisamos agir como Ló, que se afligia com as iniquidades das pessoas à sua volta:

“E, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente; e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados

(porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles)... porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo.”

2 Pedro 2.6-9

O *segundo fator* que contribui para o esfriamento do nosso amor pelo Senhor é a nossa falta de profundidade na vida cristã. Há muitas pessoas que vivem superficialmente o seu relacionamento com Cristo.

Na Parábola do Semeador, Jesus falou sobre a semente que caiu em solo pedregoso. O resultado é uma planta que brota depressa, mas não desenvolve a profundidade, porque a sua raiz não consegue penetrar profundamente no solo que não tem muita terra, tornando-se assim superficial. O risco que esta planta corre, pelo fato de que ela se desenvolveu na superfície, é que, saindo o sol (figura do calor das provações), ela pode morrer rapidamente:

“A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a

palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, crêem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam.”

Lucas 8.13

O segredo de não nos afastarmos do Senhor nem perdermos a alegria inicial é o desenvolvimento da profundidade em nossa vida espiritual. Muitos cristãos vivem somente dos cultos semanais. Não investem tempo num relacionamento diário, não oram, não se enchem da Palavra, não procuram mortificar a sua carne para viverem no Espírito, não se envolvem na obra do Pai. São cristãos sem profundidade, que vivem meramente na superfície!

A questão da profundidade nas coisas espirituais é aplicada não somente em nossa vida com Deus, mas também nos que servem a Satanás. Na Carta à Igreja de Tiatira, no Apocalipse, o Senhor Jesus elogiou os que não conheceram as ***profundezas*** de Satanás:

“Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás,

que outra carga vos não porei. Mas o que tendes retende-o até que eu venha.”

Apocalipse 2.24,25 (ARC)

O mesmo princípio da profundidade que se aplica à vida espiritual de quem se encontra no Reino de Deus também se aplica a quem está no Reino das Trevas. Se quem vive no engano do Reino das Trevas chega a desenvolver uma profundidade nesta caminhada que leva à perdição, então nós, que conhecemos a verdade, não podemos nos relacionar com esta verdade de um modo meramente superficial. Se desenvolvermos raízes profundas em Deus, não fracassaremos na fé!

O *terceiro fator* que contribui para o esfriamento do nosso amor pelo Senhor é *a falta de tratamento* em algumas áreas das nossas vidas. Já vimos na Parábola do Semeador que um dos exemplos de como o potencial de frutificação da Palavra de Deus pode vir a ser abortado na vida de alguém é a falta de raiz, de profundidade. Mas há um outro exemplo que o Senhor Jesus nos deu nesta parábola – da semente que caiu entre espinhos:

“Outra caiu no meio dos espinhos; e estes, ao crescerem com ela, a sufocaram.”

Lucas 8.7

Os espinhos não pareciam ser tão comprometedores porque eram pequenos. E, justamente por não parecem perigosos, não foram arrancados. Depois, eles cresceram e sufocaram a semente da Palavra, abortando assim o propósito divino de frutificação.

“A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer.”

Lucas 8.14

As áreas que não são tratadas em nossas vidas talvez não pareçam tão nocivas hoje, mas serão justamente as áreas que poderão nos sufocar na fé e no amor ao Senhor posteriormente.

A queda espiritual nunca é um ato instantâneo ou imediato. É um **processo** que envolve repetidas negligências da nossa parte, e são estas mesmas

“inocentes” negligências que nos vencerão depois. Por isso, devemos dar mais atenção às áreas que precisam ser trabalhadas em nossas vidas!

O *quarto fator* no esfriamento é o que eu chamo de “*distrações*”. Diferentemente do cristão que está travando uma luta contra o pecado, o cristão que costuma ser enredado pelas *distrações* é, via de regra, alguém que não tem cedido ao pecado, mas perde o alvo ao distrair-se com coisas que talvez sejam até mesmo lícitas, mas roubam-lhe o foco.

A Palavra de Deus diz que, quando Moisés foi ao Egito com uma mensagem de libertação, o Faraó aumentou o trabalho do povo para que eles se esquecessem da idéia de adoração a Deus:

“Disse também Faraó: O povo da terra já é muito, e vós o distraís das suas tarefas. Naquele mesmo dia, pois, deu ordem Faraó aos superintendentes do povo e aos seus capatazes, dizendo: Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos, como antes; eles mesmos que vão e ajuntem para si a palha. E exigireis deles a mesma conta de tijolos que antes faziam; nada diminuireis dela; estão ociosos e, por isso, clamam: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus.

Agrave-se o serviço sobre esses homens, para que nele se apliquem e não dêem ouvidos a palavras mentirosas.”

Êxodo 5.5-9

Este quadro, no meu entendimento, é uma ilustração da estratégia que Satanás tenta aplicar hoje contra os cristãos. Aliás, na tipologia bíblica, Faraó é uma figura do Diabo, o nosso antigo tirano e opressor, de quem Deus nos libertou (Cl 1.13). Hoje em dia há muitas pessoas que se envolvem tanto em seus trabalhos e negócios que não têm tempo sequer de se lembrarem de buscar a Deus. Já na Antiga Aliança, Deus exigia um dia semanal de descanso, onde as pessoas não somente paravam de trabalhar, mas também usavam esse tempo para buscarem e adorarem ao Senhor. Infelizmente, este tem sido um fator de distração e esfriamento para muitos cristãos sinceros, que não cederam às pressões do mundo ou do pecado.

Na Parábola da Grande Ceia, Jesus revelou que muitos perdem a consciência do convite de Deus por causa das *distrações* causadas por coisas lícitas e

que podem ser consideradas até mesmo como bênçãos divinas, como, por exemplo, a aquisição de propriedades, a melhoria da capacidade de produção, ou até mesmo a constituição de uma família (Lc 14.15-24)! Isso mesmo! Até o casamento, uma instituição divina (e portanto uma bênção!), pode se tornar uma *distração*, algo que pode atrapalhar a nossa dedicação ao Senhor:

“E bem quisera eu que estivésseis sem cuidado. O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher. Há diferença entre a mulher casada e a virgem: a solteira cuida das coisas do Senhor para ser santa, tanto no corpo como no espírito; porém a casada cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido. E digo isso para proveito vosso; não para vos enlaçar, mas para o que é decente e conveniente, para vos unirdes ao Senhor, sem distração alguma.”

1 Coríntios 7.32-35 (ARC)

Até mesmo o nosso próprio serviço prestado ao Senhor pode se tornar uma distração! Os irmãos de

Éfeso perderam o seu primeiro amor, ainda que não tivessem parado de trabalhar para Deus! Encontramos também uma clara advertência do Senhor Jesus no episódio bíblico de Marta e Maria (Lc 10.38-42). Enquanto Maria estava aos pés de Jesus, Marta se queixava pelo fato de haver ficado sozinha na cozinha, servindo. Não creio que Marta estivesse trabalhando somente para manter a casa em ordem. Penso que ela tinha uma boa motivação: ela queria ser uma boa anfitriã; ela queria receber e servir bem ao Senhor Jesus! No entanto, até mesmo os bons motivos podem se tornar *distrações*, e por isso Jesus disse o seguinte a Marta:

“Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.”

Lucas 10.41,42

“Uma só coisa é necessária”! Nada, absolutamente nada é mais importante do que a nossa concentração em buscá-Lo sem *distração* alguma!

Precisamos vigiar com relação a todas as coisas (até mesmo as coisas boas e lícitas que podem ser consideradas como bênçãos em nossas vidas!) que podem nos distrair, tirar o nosso foco de termos o Senhor Jesus Cristo em primeiro lugar!

Este é um caminho de proteção do nosso amor pelo Senhor. O nosso cuidado nestas quatro áreas é útil para prevenirmos e evitarmos a perda (ou depreciação) do nosso primeiro amor.

Contudo, há os que já perderam o seu primeiro amor! Assim sendo, é preciso fazer alguma coisa com relação à perda já sofrida. Para essas pessoas, eu gostaria de compartilhar o que eu tenho entendido nas Escrituras como sendo o caminho de volta.

O CAMINHO DE VOLTA

O caminho de volta é o caminho da restauração. Foi o próprio Senhor Jesus que propôs o caminho da restauração:

“Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.”

Apocalipse 2.5

Cristo mencionou três passos práticos que devemos dar a fim de voltarmos ao primeiro amor:

1. lembra-te!;
2. arrepende-te!;
3. volta à prática das primeiras obras!

O *primeiro passo* é um ato de recordação, de lembrança do tempo anterior à perda do primeiro amor. Não há melhor maneira de retomá-lo do que esta: relembrarmos os primeiros momentos da nossa fé, da nossa experiência com Deus! O profeta Jeremias declarou:

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.”

Lamentações de Jeremias 3.21

Algumas lembranças têm o poder de produzirem

em nós um caminho de restauração. Muitas vezes não nos damos conta do que temos perdido. Uma boa forma de dimensionarmos as nossas perdas é contrastarmos o que estamos vivendo hoje com o que já experimentamos anteriormente em Deus.

Recordo-me de uma ocasião em que fui visitar os meus pais e entrei no quarto que, quando solteiro, eu compartilhava com os meus irmãos. O simples fato de eu entrar naquele ambiente trouxe à minha memória inúmeras lembranças. Revivi em minha mente os momentos de oração e intimidade com Deus que eu havia passado lá. Recordei, emocionado, as horas que, diariamente, eu passava lá, trancado em oração!

Sem que ninguém me falasse nada, percebi que a minha vida de oração já não era como antes. Estas lembranças ocasionaram naquela época uma retomada da minha dedicação à oração, e, até mesmo hoje, ao recordar aqueles momentos da poderosa visita de Deus que eu vivi naquele quarto, sinto-me motivado a resgatar o que eu deixei de lado!

Contudo, a lembrança em si do que eu havia

provado lá não produziu mudança alguma. Ela simplesmente trouxe um misto de saudade com tristeza e *arrependimento*, pelo fato de eu ter deixado de lado algo tão importante!

E esta é exatamente a segunda atitude que Jesus pediu aos irmãos de Éfeso: “*Arrepende-te!*” Não basta termos saudades de como as coisas eram anteriormente! É preciso que sintamos dor por termos perdido o nosso primeiro amor! Precisamos lamentar, chorar, e clamar pelo perdão de Deus! É imperativo reconhecer que a perda do primeiro amor é mais do que um desânimo, ou qualquer outra crise emocional! É um pecado de falta de amor, de desinteresse para com Deus!

À semelhança dos profetas do Antigo Testamento, Tiago definiu como devemos nos posicionar em arrependimento diante do Senhor. Deve haver choro, lamento e humilhação:

“Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e

ele vos exaltará.”

Tiago 4.8-10

O fato de nos humilharmos perante o Senhor é o caminho para a exaltação (restauração) diante d’Ele. Se reconhecermos que abandonamos o nosso primeiro amor, teremos que separar rapidamente um tempo para orarmos e chorarmos em arrependimento diante do Senhor e para buscarmos uma renovação.

Eu sei que recordar e chorar pelo passado também não é a cura em si, mas é um passo em sua direção! É um estágio de preparação, por assim dizer. Por isso o conselho proposto pelo Senhor na Carta à Igreja de Éfeso ainda tem um *terceiro passo* prático: “*Volta à prática das primeiras obras!*” Portanto, não basta apenas revivermos as lembranças e chorarmos! Temos que voltar a fazer o que abandonamos!

Essas primeiras obras a que Cristo Se refere não são o primeiro amor em si, mas estão atreladas a ele – são uma forma de expressarmos e alimentarmos o nosso primeiro amor! Elas têm a ver com a forma

pela qual O buscávamos e também a maneira como O servíamos. Jesus não protestou porque os efésios não O amavam mais, e sim porque já não O amavam mais ***como anteriormente!*** Precisamos mais do que o reconhecimento da nossa perda! Precisamos voltar a agir como no início da nossa caminhada com Cristo!

É tempo de resgatarmos o nosso amor ao Senhor e dar-Lhe nada menos que um ***amor total!*** Que possamos sempre nos apossar da graça do Senhor, para vivermos intensamente a nossa obediência ao *Maior Mandamento!*

Capítulo 8

AMOR E OBEDIÊNCIA

“Agrada mais a Deus a imolação que fazemos de nossa vontade, sujeitando-a à obediência, do que todos os outros sacrifícios que possamos lhe oferecer.”

(Agostinho de Hipona)

Quando criança, eu sempre ouvia do meu pai uma afirmação intrigante. Cada vez que se aproximava alguma data festiva, como o seu aniversário ou o Dia dos Pais, e eu o sondava a respeito do que ele gostaria de ganhar de presente, a resposta era sempre a mesma:

“O melhor presente que vocês podem dar ao papai é a obediência! Se vocês forem obedientes, vocês não precisam me dar mais nada!”

Como eu detestava ouvir, repetidas vezes, esta mesma resposta! Primeiramente, porque eu não entendia o valor da obediência aos olhos de um pai.

Em segundo lugar, porque eu achava que o meu pai não dava importância aos nossos presentes. Hoje, no entanto, na condição de pai, posso dizer o mesmo aos meus filhos! A melhor forma de eles expressarem amor e respeito para comigo não é comprando presentes ou prestando quaisquer outras formas de homenagem. O que para mim mais reflete amor e honra é encontrar sempre neles a atitude de obediência!

Ao falar de amor ao Senhor, a Bíblia também nos ensina este mesmo princípio:

“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, e todos os dias guardarás os seus preceitos, os seus estatutos, os seus juízos e os seus mandamentos.”

Deuteronômio 11.1



O amor não é expresso somente com palavras. Vimos no Capítulo 1 que o Senhor Jesus relacionou o amor com obras, ao dizer a Simão Pedro que, se ele O amasse, então ele deveria pastorear o Seu rebanho.

O apóstolo João também falou sobre não amarmos somente de língua (com meras palavras), mas também com ações que refletissem este amor (1 Jo 3.17,18). Assim sendo, uma das formas de expressarmos o nosso amor ao Senhor é através da nossa obediência aos Seus mandamentos. O próprio Cristo nos ensinou isto:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.”

João 14.21

Portanto, neste capítulo, eu gostaria de chamar a sua atenção ao princípio da obediência, e de como ela se torna uma forma de expressarmos o nosso amor por Jesus Cristo. O nosso amor *total* para com o Senhor deve ser acompanhado de uma obediência *total* da nossa parte!

OBEDIÊNCIA TOTAL

Eu fico impressionado com a atual geração de crentes. Creio que nunca tivemos tanto

conhecimento bíblico, tantas informações, e tanta revelação das Escrituras. Entretanto, como disse certo pregador, “temos nos tornado numa geração de crentes ‘cabeções’; a cabeça cheia de teoria desenvolveu-se, mas o corpo limitado a tão pouca prática da Palavra atrofiou-se!”

Precisamos entender o que Deus espera de nós. Não estou falando contrariamente ao ensino que tem sido oferecido à nossa geração, pois creio que é um privilégio recebermos o que temos recebido. Eu aguardo o dia em que se cumprirá a palavra divina, segundo a qual, assim como as águas cobrem o mar, assim também toda a terra se encherá do conhecimento da glória de Deus! Quanto mais intensamente a Palavra de Deus for pregada e ensinada, melhor! O nosso erro não está em recebermos os ensinamentos, mas em não fazermos o que deveria ser feito com relação ao que temos recebido nesses ensinamentos!

“Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?”

Lucas 6.46

Observe que a nossa confissão de Jesus Cristo como Senhor das nossas vidas é a essência do nosso recebimento da salvação pela fé (Rm 10.9,10). Não O chamamos de “Senhor” como um mero título! É este reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo, o ato de nos rendermos ao Seu governo sobre as nossas vidas, que nos introduz no Reino de Deus!

A palavra “*senhor*” significa “*amo*”, “*dono*”. Para nós hoje, que não vivenciamos mais a mesma realidade da escravidão, este significado pode parecer diferente, mas os discípulos de Jesus e todas as demais pessoas dessa época conheciam bem este termo! Portanto, todos sabiam que o reconhecimento de Jesus como “Senhor” significava a decisão de obedecê-Lo!

CHAMADOS À OEDIÊNCIA

Desde a primeira vez em que foi proclamada, a fé em Cristo traz consigo o sentido da obediência. Por isso nos deparamos com a indagação (e indignação) do Senhor Jesus: “*Por que não fazeis aquilo que eu mando?*” (Lc 6.46). Se O reconhecemos como “Senhor”, então devemos obediência a Ele, e ponto

final! Foi para isto que fomos chamados:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.”

Mateus 28.19,20

Jesus ordenou que a Sua Igreja guardasse os Seus ensinamentos e também reproduzisse esta visão de obediência nas próximas gerações de discípulos. Ele esperava que cada um dos discípulos (que seriam feitos nas nações) entendesse que a responsabilidade de cada um deles seria **guardar** (obedecer, praticar) o que Ele ensinou.

O que caracteriza um discípulo de Cristo é a sua obediência ao Seu ensino. O ministério de ensino é importantíssimo e foi ordenado pelo próprio Cristo, mas deve levar as pessoas à prática!

O apóstolo Paulo se referiu à fé como um ato de obediência em dois textos bíblicos distintos:

“Por intermédio de quem viemos a receber graça e

o apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé entre todos os gentios.”

Romanos 1.5

“E que agora se tornou manifesto, e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações.”

Romanos 16.26

Fomos chamados à *obediência pela fé*! Esta deve ser a forma de caminhar de todo cristão!

Escrevendo aos crentes de Éfesio, o apóstolo Paulo menciona a condição anterior à nossa conversão, e, para descrever a forma como vivíamos, ele usa a expressão “*filhos da desobediência*”:

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa

carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.”

Efésios 2.1-3

Esta era a nossa condição antes de nascermos de novo. Era um problema da nossa natureza! Estávamos escravizados pela vontade da carne e andávamos segundo o curso do mundo. E, salientando algo mais grave ainda, a Bíblia diz que andávamos “*segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência*”! Em outras palavras, éramos diretamente influenciados por um espírito maligno!

Isto deveria fazer com que refletíssemos melhor! Poderíamos esperar então que a correta terminologia a ser empregada com relação aos crentes em Cristo seria a de chamá-los de “*filhos da obediência*”! É o termo que ***deveria*** ser aplicado a nós!

Contudo, eu pergunto: “Será que a maioria dos cristãos de hoje reflete este espírito de submissão e obediência a Deus e à Sua Palavra?” Infelizmente

devemos admitir que não! Nunca vimos a fé evangélica propagando-se em nossa nação como atualmente. Milhares de brasileiros se convertem todos os dias, graças a Deus! Entretanto, este é um momento muito sensível à formação de toda uma nova geração de discípulos! Assim sendo, os líderes devem ser muito enfáticos no sentido de chamarem as pessoas de volta a um compromisso de obediência total ao Senhor!

O nosso problema não é apenas a desobediência, mas também a religiosidade que nos cega e nos leva a fingirmos a obediência. Eu acho que é impressionante, não somente a nossa rebeldia (porque é assim que a nossa desobediência deve ser chamada), mas também a nossa capacidade de fingirmos a obediência quando ela não estiver presente!

A OBEDIÊNCIA APARENTE É DESOBEDIÊNCIA

À semelhança dos fariseus dos dias de Jesus, nós também pecamos hoje pela nossa religiosidade. Aprendemos a falar e a nos comportar com ares de

bons cristãos, e, com isso, encobrimos a nossa desobediência. O Senhor Jesus contou uma parábola que denuncia este nosso comportamento com exatidão:

“E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu. Sim, senhor, porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele.”

Mateus 21.28-32 ^{*}—

Com relação a estes dois filhos da parábola de Jesus, quem demonstrou ser obediente? Aparentemente foi o primeiro, que respondeu afirmativamente ao chamado do pai. Porém, na

prática, o filho obediente foi o segundo. Ainda que a princípio ele tenha se rebelado e dito que não faria o que o pai havia pedido, depois, arrependido, foi e obedeceu. Jesus compara estes dois filhos a dois grupos de pessoas: os fariseus (o grupo religioso mais severo dentro do judaísmo) e os pecadores (os coletores de impostos e as prostitutas, que recebiam os piores rótulos sociais e espirituais naqueles dias), e conclui dizendo que este último grupo entraria no Reino de Deus antes do primeiro grupo, dos fariseus, que eram os beatos e carolas daquela época!

Concluímos assim que não adianta passarmos horas a fio, sentados na igreja, ouvindo a Palavra de Deus, agindo como quem diz “sim” a tudo o que o nosso Pai Celestial nos ordena que façamos, se, depois, não obedecermos e não fizermos essas coisas! A aparência de obediência não está entre os pecadores, e sim entre os cristãos! No entanto, a obediência verdadeira nem sempre está conosco!

A Igreja dos nossos dias é como o primeiro filho. Preocupa-se com a aparência e com o conceito dado pelos outros, e, assim sendo, sempre responde

“sim” às ordens do Pai, mas nem sempre faz o que disse que faria! Não basta termos uma aparência de religiosidade! Precisamos praticar a Palavra!

“Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla num espelho o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. Mas aquele que considera atentamente na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.”

Tiago 1.22-25

Note que a Bíblia diz que a pessoa que não pratica a Palavra engana **a si mesma!** Ela não está enganando outras pessoas, e tampouco a Deus! Está enganando **a si mesma!** Muitos acreditam que, pelo fato de terem uma “aparência de santidade” ao frequentarem os cultos ou ao estudarem a Bíblia sozinhos, alcançarão um lugar de aprovação em

Deus, mas isto não é verdade! A única coisa que legitima a nossa entrada no Reino de Deus é o reconhecimento do senhorio de Jesus, o qual, por sua vez, somente se evidencia através da nossa obediência e sujeição ***total*** a Cristo!

O fato de alguém meramente ouvir a Palavra de Deus aparentemente autentica a sua religiosidade, mas é a prática da Palavra que autentica a obediência em sua vida como cristão. Há também o aspecto do resultado provado por cada um. Tiago fala do “*ouvinte negligente*” e do “*operoso praticante*”, mas deixa claro que o abençoado na história é o que ouviu, aprendeu, e perseverou em obedecer aos mandamentos do Senhor!

Alguns não se posicionam para obedecerem! Eles acham que o fato de usarem uma “capa de cristianismo” é o suficiente! São os que, como eu já afirmei, praticam a “aparência da obediência”. Contudo, há outros que vão além da aparência e manifestam uma obediência incompleta. Por obedecerem em algumas áreas, agem como se estivessem escusados de obedecerem em outras! Assim sendo, justificam-se, relativizando a

obediência!

Os fariseus foram acusados por Jesus de se comportarem desta maneira:

“Interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar? Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas

semelhantes.”

Marcos 7.5-13

Observe a afirmação que o Senhor Jesus fez aos fariseus: *“Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.”* A palavra que foi traduzida por *“jeitosamente”* é *“kalos”*, que, de acordo com a Concordância de Strong, possui vários significados: “belamente, finamente, de forma a não deixar espaço para reclamação, de forma honrosa ou recomendável.” Isto mostra uma desobediência velada, com aparência de obediência! Muitas vezes fazemos o mesmo. Pregamos contra o roubo, mas sonegamos os impostos! Contudo, damos mil explicações para convenceremos a nós mesmos e até mesmo aos outros! Pregamos contra o adultério e a imoralidade, mas conseguimos nos divertir com filmes com estas práticas! No entanto, temos sempre uma boa “explicação”, um *“kalos”*, uma forma jeitosa de mascararmos a nossa desobediência!

A OBEDIÊNCIA PARCIAL É

DESOBEDIÊNCIA

A relativização da obediência e o cumprimento meramente parcial dos mandamentos de Deus é uma forma velada da prática da desobediência! A aparência e a parcialidade levam à desobediência. Algumas pessoas vivem a aparência; outras, porém, a parcialidade! Outras, ainda, conseguem tropeçar em ambas as coisas! O rei Saul é um exemplo da pessoa que soma a aparência com a parcialidade e acaba nos mostrando as consequências desastrosas desta escolha. Ele já havia falhado e desobedecido antes (1 Sm 13.8-14), mas manteve a sua mesma postura errada de querer agradar mais ao povo do que a Deus. Ele era alguém que se preocupava demasiadamente com o conceito que os outros teriam a respeito dele e acabava se esquecendo do conceito que ele teria diante de Deus!

Numa outra ocasião, Saul recebeu uma ordem direta do Senhor:

“Disse Samuel a Saul: Enviou-me o Senhor a ungir-te rei sobre o seu povo, sobre Israel; atenta, pois, agora às palavras do Senhor. Assim diz o Senhor dos exércitos: Castigarei a Amaleque pelo que fez a Israel;

ter-se oposto a Israel no caminho, quando este subia do Egito. Vai, pois, agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver; nada lhe poupes, porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos.”

1 Samuel 15.1-3

A ordem divina era muito específica e fácil de se compreender. Contudo, uma vez mais, Saul não obedeceu ao que lhe havia sido ordenado:

*“Então feriu Saul os amalequitas desde Havilá até chegar a Sur, que está defronte do Egito. Tomou vivo a Agague, rei dos amalequitas; porém a todo o povo destruiu ao fio da espada. E **Saul e o povo** pouparam a Agague, e o melhor das ovelhas e dos bois, e os animais gordos e os cordeiros e o melhor que havia, e **não os quiseram destruir totalmente**; porém a toda coisa vil e desprezível destruíram.”*

1 Samuel 15.7-9

Esta foi uma desobediência direta ao mandamento do Senhor. E foi exatamente assim que Deus enxergou o ocorrido e declarou a Sua

sentença:

“Então, veio a palavra do Senhor a Samuel, dizendo: Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras. Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor.”

1 Samuel 15.10,11

Saul poderia dar a explicação que quisesse, mas Deus disse que ele havia deixado de segui-Lo e que ele não havia obedecido às Suas palavras! Alguns acham que basta obedecermos a ***muitos*** mandamentos do Senhor para agradá-Lo, mas Deus não espera uma obediência *parcial*, e sim ***total***!

Imagine os noivos, no momento da cerimônia nupcial, fazendo um juramento de fidelidade para a *maior parte do tempo*! Por mais que se amassem, não gostariam disso! Deus também não quer que sejamos obedientes a muitos mandamentos, mas a todos! Ele não espera que sejamos fiéis *na maior parte do tempo*, mas que o sejamos ***em todo o tempo***!

Muitas vezes agimos com uma certa “psicologia

de compensação”. Deduzimos que por sermos obedientes em muitas coisas que o Senhor nos pede, então temos “o direito” de falharmos em algumas outras “coisinhas”! Entretanto, a desobediência praticada em qualquer área das nossas vidas anula a obediência que sustentamos em outras! É isso mesmo! Ou alguém é totalmente obediente, ou é desobediente, pois não há obediência parcial! Tiago escreveu o seguinte sobre isso:

“Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porquanto aquele que disse: Não adulterarás, também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém, matas, vens a ser transgressor da lei.”

Tiago 2.10,11

Observe que quem guardasse a maioria dos mandamentos, mas tropeçasse num só deles, estaria quebrando toda a Lei, até mesmo os mandamentos que havia obedecido!

Não temos o direito de escolhermos não perdoar alguém somente porque obedecemos a maioria dos

mandamentos da Bíblia. Não temos o direito de negarmos o perdão a uma única pessoa somente porque já perdoamos muitas outras que nos ofenderam ao longo das nossas vidas. Muitos em nossos dias estão tentando devotar uma obediência parcial à Palavra de Deus. Não temos o direito de não dizirmos somente porque já ofertamos!

O mesmo Deus que nos ordenou que fizéssemos uma coisa também nos ordenou que fizéssemos a outra!

É hora de considerarmos melhor estas questões e consertarmos o que precisa de conserto em nossas vidas. Sonde o seu coração em oração. Medite nestes textos e princípios, e assuma uma nova postura de obediência.

O ORGULHO DA OBEDIÊNCIA

Por que praticamos esta obediência aparente e parcial?

Por que não enxergamos o que fazemos de errado?

Creio que muitas vezes nos orgulhamos tanto da nossa obediência que até permitimos ficar cegos

para outras questões.

Observe o que ocorreu com o apóstolo Pedro:

“E, no dia seguinte, indo eles seu caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta. E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lhe preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos, e viu o céu aberto e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra, no qual havia de todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se no céu.”

Atos 10.9-16

Deus deu uma visão ao apóstolo e mandou que ele matasse e comesse alguns animais. Pedro reconheceu que era o próprio Deus falando com ele, mas respondeu: *“De modo nenhum, Senhor.”* E a

razão pela qual ele não obedeceu a essa ordem de Deus foi justamente o seu histórico de obediência ao mandamento da Lei que proibia o contato com esses animais!

Até aí não é difícil entendermos a Pedro. Não sabemos se ele chegou a imaginar que talvez ele estivesse sendo testado. Entretanto, Deus lhe disse claramente para não considerar imundo o que o Senhor havia purificado. Mesmo assim, Pedro negou-se a obedecer a esta ordem mais duas vezes seguidas!

O orgulho da nossa obediência (ou da que achamos que temos) pode nos levar a agirmos cegamente e a tropeçarmos em outros princípios. Veja uma outra ilustração bíblica:

“E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os

dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.”

Lucas 18.9-14

A religiosidade é algo terrível! Eu a defino como o orgulho da obediência. Contudo, este orgulho nos cega e faz com que desobedeçamos em outras áreas. Aquele fariseu errava ao confiar em si mesmo. Errava ao desprezar os outros. E não enxergava os seus próprios tropeços!

Creio que Deus quer restaurar o nosso entendimento e a nossa prática da obediência total a Ele. Isto, porém, deve acontecer, sem que nos tornemos propensos ao orgulho! É por isso que precisamos entender que a nossa obediência ao Senhor não significa que estejamos fazendo favor algum a Ele! Estamos apenas cumprindo a nossa obrigação! Eu gostaria de concluir, chamando a sua

atenção ao seguinte: Obedecer é fazer apenas o que deveria ser feito! Não somos melhores por isto, pois o próprio Jesus nos ensinou:

“E qual de vós terá um servo a lavrar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? Porventura, dá graças ao tal servo, porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não. Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.”

Lucas 17.7-10

Que o Pai Celestial nos ajude a vivermos em obediência total, pois esta é uma característica dos que amam a Deus:

“Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados.”

1 João 5.3 (NVI)

Matthew Henry declarou: “A maior prova de nosso amor a Cristo é a obediência às leis de Cristo... O amor é a raiz; a obediência é o fruto.”

★ A tradução inglesa King James e a Versão Corrigida de Almeida apresentam a ordem invertida dos dois filhos em relação à versão Atualizada de Almeida – usada neste texto. Nelas o primeiro filho é o segundo e o segundo filho é o primeiro, mas a conclusão de quem obedeceu aponta para o mesmo filho.

Capítulo 9

TRANSBORDANDO O AMOR

**“O amor ao próximo implica, naturalmente, a existência do amor a Deus, e o amor a Deus implica, naturalmente, o amor ao próximo.”
(Charles Finney)**

Alguns anos atrás, durante um seminário que eu ministrava numa certa igreja, um irmão me pediu a chave do meu carro no intervalo entre duas ministrações de uma tarde de sábado. Ele disse que ele gostaria de guardar no porta-malas do automóvel algo que ele havia trazido para abençoar-me. Logo depois da ministração, ao voltar à casa em que eu estava hospedado, descobri que eu mesmo não havia ganho nada, mas o que havia sido colocado em meu carro era uma grande sacola com dois presentes, sendo que, em cada um deles, havia o nome dos meus filhos: Israel e Lissa. Eram ótimos

presentes, e eles ficaram muito felizes! E eu fiquei ainda mais feliz do que eles!

Percebi, nessa ocasião, que a maneira como alguém trata os meus filhos influencia o meu conceito sobre o que esta pessoa sente por mim. Ao abençoar a minha família – que é o que Deus me deu de mais precioso – esse irmão estava mostrando o seu respeito por mim e por aquilo que eu mais amo. Se alguém quiser ganhar a simpatia de um pai, basta tratar bem os seus filhos! Por outro lado, se quiser a antipatia deste pai, é só maltratá-los e certamente a obterá!

Podemos afirmar, com relação a Deus, que este princípio funciona de modo semelhante. Há uma relação entre o amor que manifestamos por Deus e o amor que devemos manifestar pelos Seus filhos, os nossos irmãos e irmãs da Família da Fé. Ao demonstrarmos amor pelos filhos de Deus estamos demonstrando amor por Ele. Quando não respeitamos os filhos de Deus, estamos na verdade desrespeitando ao próprio Deus. O amor que nutrimos pelo Senhor deve ser transbordado na vida dos nossos irmãos em Cristo.



O SEGUNDO MANDAMENTO

Em certa ocasião, Jesus foi indagado sobre qual seria o Principal Mandamento. Ao responder, Ele atrelou um Segundo Mandamento, sem o qual o Primeiro Mandamento não poderia ser entendido isoladamente:

“Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.”

Marcos 12.28-31

O mesmo Deus que ordenou que O amássemos também ordenou que amássemos uns aos outros! Se não obedecemos a um deles, desobedecemos aos dois! No Antigo Testamento, estes dois mandamentos destacavam-se dos demais. No Novo Testamento, Jesus foi enfático ao declarar um “Novo Mandamento”:

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.”

João 13.34,35

Este “Novo Mandamento” não anula os mandamentos da Antiga Aliança. Pelo contrário, ele os cumpre! Foi o que Paulo ensinou aos romanos:

“O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor.”

Romanos 13.10

A Bíblia deixa muito claro que é impossível amarmos a Deus se não amarmos ao próximo. Ensinamos no primeiro capítulo deste livro que quem ama ao Senhor ama o que Ele ama. Quem ama a Jesus deve amar as almas com as quais Ele Se importa. Em cada uma das situações em que Pedro afirmou o seu amor por Jesus, o Senhor pediu que o apóstolo cuidasse das Suas ovelhas. Isto faz com que entendamos que o amor que nutrimos em nosso íntimo por Ele deve ser transbordado nas vidas de outros.

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é

nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.”

1 João 4.7,8

No entanto, é bom ressaltarmos que a manifestação deste amor não implica apenas em evangelizarmos ou dispensarmos cuidados espirituais de pastoreamento. Esta expressão de amor também deve envolver aspectos práticos de cuidado com relação às questões naturais. O apóstolo João falou sobre este princípio em sua Primeira Epístola:

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.”

1 João 3.16-18

Deus é amor! Ele não apenas nos ama, mas Ele é amor; ou seja, não se trata de algo que Ele faz, mas

que Ele é! E este Deus que é amor não pede apenas que O amemos, mas que, da mesma forma que O amamos, também amemos uns aos outros. Toda a nossa declaração de amor ao Senhor Jesus perde o seu valor se não manifestarmos amor pelos demais filhos de Deus. O nosso amor a Deus não é válido se não transbordar nas vidas dos que nos cercam.

O amor que declaramos a Deus deve fazer coro com as nossas palavras e atitudes aos outros. De acordo com as Escrituras Sagradas, somente pode amar genuinamente a Deus a pessoa que também ama a seu irmão. Se o nosso coração estiver fechado para as pessoas, também estará fechado para o Senhor. Observe o que João, o Apóstolo do Amor, declarou:

“Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.”

1 João 4.20,21

REVELANDO DEUS

Deus é amor, e, quando amamos, Ele Se revela ao mundo através de nós! Observe o que João, pelo Espírito Santo, afirmou com relação a isto:

“Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado.”

1 João 4.10-12

O Texto Sagrado diz que *“ninguém jamais viu a Deus.”* Apesar de poucas manifestações de Deus, chamadas pela Teologia de *“teofanias”*, ninguém jamais viu a Deus em Sua plena revelação. No entanto, este Deus que não pode ser visto hoje pelo homem (Êx 33.20), decidiu revelar-Se de uma outra forma. A Bíblia diz que Deus é amor, e, assim

sendo, quando amamos uns aos outros, estamos revelando o Deus que não pode ser visto por olhos humanos.

Esta é uma verdade poderosa! Quando andamos em amor, estamos mostrando o Deus Invisível ao mundo! Por isso, quando não amamos, estamos desobedecendo a um mandamento específico da Palavra de Deus e também estamos obstruindo O Seu propósito de revelar-Se aos homens através das nossas vidas!

O Senhor Jesus, em Sua Oração Sacerdotal, afirmou que, se os discípulos fossem um, o mundo creria que Deus O havia enviado. Isto significa que o que as pessoas veem em nós pode afetar a maneira pela qual verão a Deus! E esta é uma das razões para andarmos em amor: revelarmos Deus aos homens!

“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado,

para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.”

João 17.20-23

O PADRÃO DO AMOR A SER OFERECIDO

Muitas vezes interpretamos erroneamente o que a Bíblia ensina. Amar ao próximo não é apenas ajudar alguém ocasionalmente, no caso de uma grande necessidade. É algo que devemos fazer *sempre*, e a todos os que nos rodeiam! E não tem a ver apenas com necessidades!

E qual é o padrão deste amor que devemos transbordar nas vidas de outras pessoas?

Já vimos que, depois de ter sido questionado por um escriba a respeito de qual seria o principal de todos os mandamentos, Jesus acrescentou um Segundo Mandamento, em igual peso de importância ao do Primeiro:

“O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que

estes.”

Marcos 12.31

Ele não nos disse apenas “para amarmos ao próximo”, mas também estabeleceu o padrão do amor que devemos oferecer: *“como a ti mesmo”*! O padrão do amor que devemos oferecer aos outros é exatamente o mesmo tipo de amor que nós também gostaríamos de receber!

Paulo também ensinou este mesmo princípio aos efésios, ao abordar a relação entre marido e mulher. Ele falou que o marido deveria cuidar de sua mulher, assim como o faz com o seu próprio corpo:

“Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo.”

Efésios 5.28-30

Deus quer que ofereçamos aos outros o que nós também gostaríamos de receber de outras pessoas.

Esta é a “Regra de Ouro”! Jesus ensinou sobre este princípio, o qual funciona em todas as áreas das nossas vidas, inclusive no aspecto financeiro:

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.”

Mateus 7.1,2

Quem dá julgamento receberá julgamento. Quem “mede” as pessoas será “medido” na mesma proporção com que “mediu”! Não há mistérios na interpretação deste princípio, pois ele é muito claro e objetivo! Foi falando destas coisas que Cristo nos ensinou a “Lei de Dar e Receber”:

“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.”

Lucas 6.37,38

Quem condena recebe condenação! Quem perdoa recebe perdão! Quem dá recebe dádivas de volta! É assim que funciona! Ao resumir a Lei e os Profetas, Jesus falou não somente do amor em si, mas também da ***expressão*** do amor ao próximo. Nisto Ele incluiu um poderoso princípio – a “*Lei de Dar e Receber*”:

“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.”

Mateus 7.12

O que eu quero que os outros façam a mim é exatamente o que eu devo fazer aos outros! Poderíamos dizer também que a medida do amor que eu dou a Deus (expressando-o pelo que eu faço aos Seus filhos) é a mesma medida a que eu me qualifico a receber de volta d’Ele (através das pessoas)!

TRANSBORDANDO O

AMOR A DEUS

Durante muito tempo eu separei os Dois Grandes Mandamentos, como se fossem totalmente distintos entre si. Muito embora foquem “alvos” diferentes (um expressa amor a Deus e o outro aos homens), acabei descobrindo que os dois, na verdade, são um só tipo de amor! O amor que devemos expressar às pessoas é simplesmente uma extensão do nosso amor a Deus. Este mesmo amor deve ser *transbordado* nas vidas dos que Deus ama! Há vários textos bíblicos que demonstram que, ao fazermos alguma coisa pelas pessoas, estamos fazendo ao Senhor. Portanto, não seria errado dizermos que, ao amarmos as pessoas, estamos amando ao Senhor. Devemos transbordar o nosso amor ao Senhor nas vidas dos que são amados por Deus – independentemente de serem cristãos ou não!

“Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício.”

Provérbios 19.17

Este texto bíblico declara que quem faz alguma coisa pelo pobre está fazendo algo por Deus. E o Senhor declara que recompensará a pessoa que ajudou o pobre, como se ela o tivesse feito ***por Ele!***

Jesus ensinou este mesmo princípio ao falar sobre o julgamento das nações:

“Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?

O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Mateus 25.31-40

Se você ama ao Senhor, mas tem dificuldades em amar as pessoas, basta você entender (ou até mesmo imaginar) que, ao vestir ou visitar alguém, você estará vestindo ou visitando a Cristo; ou, ao alimentar ou acolher alguém, você estará alimentando ou acolhendo a Cristo!

Fomos chamados a amarmos ao Senhor Jesus e a transbordarmos o mesmo amor que nutrimos por Deus nas vidas dos seres humanos. Não são dois tipos de amor! Trata-se do mesmo amor sendo liberado em duas direções! Se não conseguimos amar as pessoas como deveríamos, a razão é que não amamos a Deus como deveríamos!

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos.”

1 João 5.1,2

O que o apóstolo João está dizendo neste texto é o seguinte: “*todo aquele que ama a Deus (que o gerou) também ama ao que dele é nascido (os filhos de Deus).*” Em outras palavras, é o mesmo amor que nutrimos pelo Senhor que também deve ser ***transbordado*** nas vidas dos nossos irmãos!

“*Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.*”

1 João 1.5

Deus é luz! Quem está reconciliado com Ele, e O ama, anda na luz. Quem está separado d’Ele está nas trevas. E esta nossa ligação com Deus (se estivermos na luz) ou não (se estivermos nas trevas) pode ser vista no fato de amarmos ou não uns aos outros!

A Bíblia é muito clara com relação a isto:

“*Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum*

tropeço.”

1 João 2.9,10

Precisamos transbordar o nosso amor ao Senhor nas vidas dos nossos irmãos! Isto não é uma opção, e sim um ***mandamento*** de Deus!

“Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.”

1 João 4.21

Que o Senhor nos ajude a crescermos em amor para com Ele e para com toda a Sua Família!

Table of Contents

RECOMENDAÇÕES

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

Capítulo 1

O PRIMEIRO MANDAMENTO

Capítulo 2

TU ME AMAS?

Capítulo 3

ESCRAVOS POR AMOR

Capítulo 4

DÍVIDA DE GRATIDÃO

Capítulo 5

DOANDO-SE A DEUS

Capítulo 6

AMOR INCORRUPTÍVEL

Capítulo 7

VOLTANDO AO PRIMEIRO AMOR

Capítulo 8

AMOR E OBEDIÊNCIA
Capítulo 9
TRANSBORDANDO O AMOR